

ILUSTRAÇÃO



5.º ANO
NÚMERO 101

Lisboa, 1 de Março de 1930

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

RADIO TELEFUNKEN

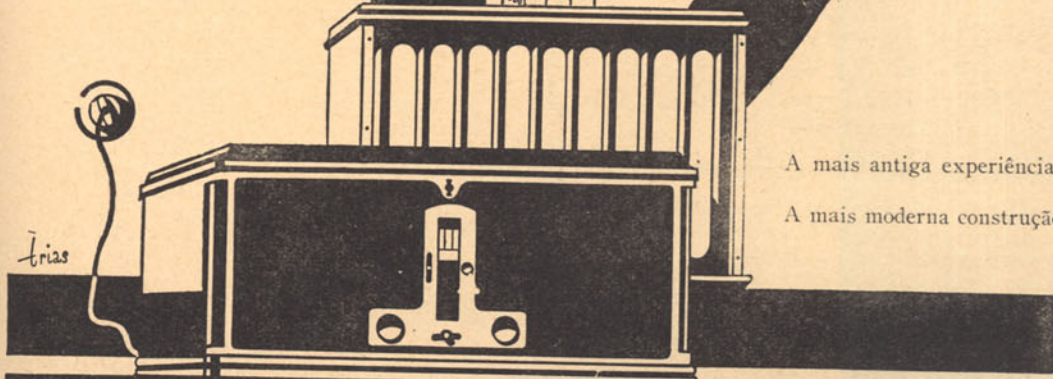
O «NON PLUS ULTRA» DO «RADIO»

TELEFUNKEN 40

com selecção das estações europeias por kilociclos ; liga-se directamente à corrente de iluminação. Sem antena exterior. Peça folheto e demonstração a tódas as casas de material de «rádio»



A mais antiga experiência
A mais moderna construção



TELEFUNKEN



SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparaveis.

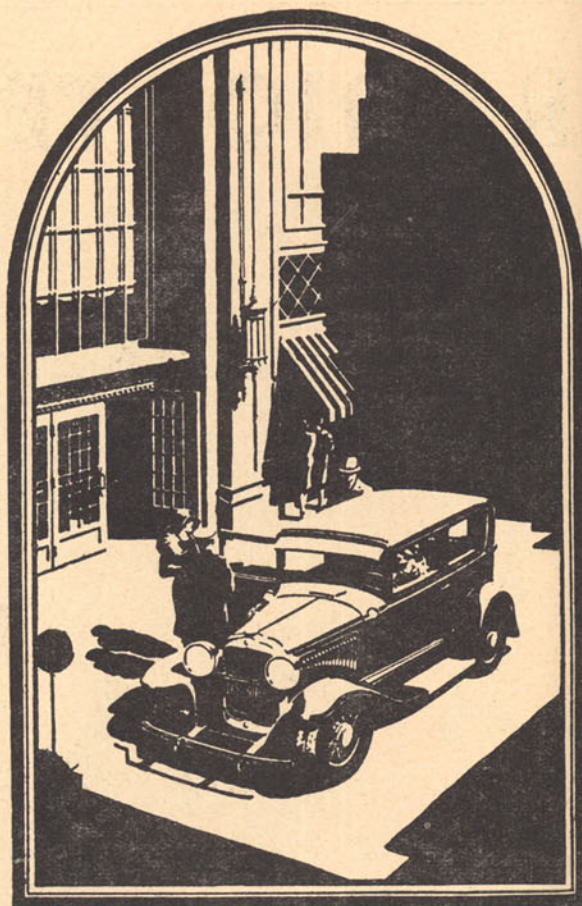
De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A'venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda 119, RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA - RUA DAS FLORES, 192, 1.º



O WILLYS-KNIGHT 1930

possue os maiores aperfeiçoamentos mecanicos e as mais distintas e luxuosas carroseries

É um carro para uma
—clientela distinta—

*Uma visita ao nosso Stand
convencerá V. Ex.ª*

SIMAL

4, Rua Serpa Pinto (AO CHIADO)
LISBOA



é conhecido e seu nome e inumeraveis são as pessoas que devem á Cafiaspirina o alivio dos seus sofrimentos. Por isso aquele que em horas tristes e penosas foi libertado de dôres e recorda a eficacia maravilhosa da Cafiaspirina, não deixará de recorrer a esta quando outra vez tenha a infelicidade de sofrer dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos, enxaquecas ou nevralgias.

A Cafiaspirina reanima, levanta as forças e não ataca o coração nem os rins.

CAFIASPIRINA



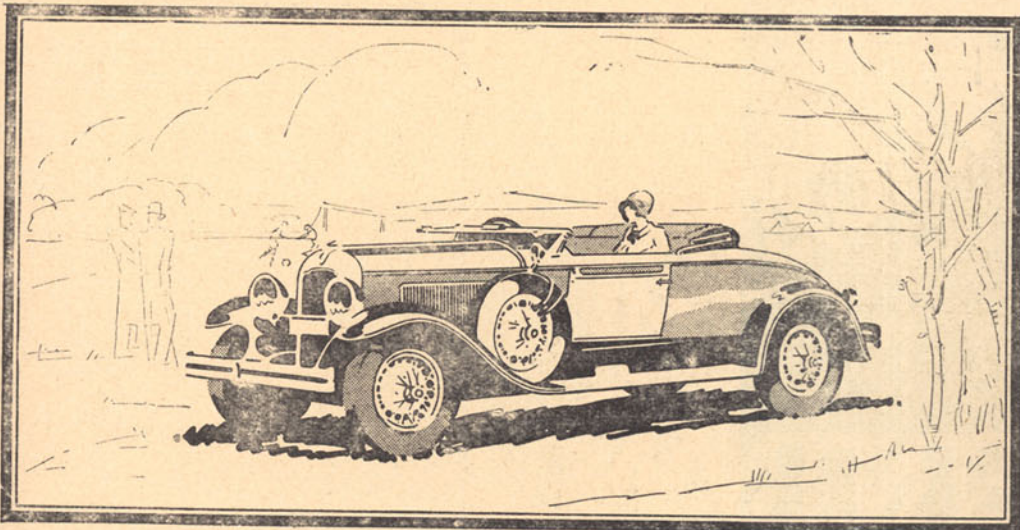
REO

Belo em todos os seus aspectos

Em qualquer parte que V. Ex.^a deixe o seu automovel "Flying Cloud", chamará este a atenção pelo seu elegante estilo e inconfundíveis linhas. Em passeio, á porta dos Clubs ou dos Teatros, a beleza dos "Flying Cloud" é objecto de constante admiração.

A atractiva e moderna beleza dos "Flying Cloud" obtem-se sem detrimento da comodidade dos carros e sem recorrer a extravagancias no seu traçado.

Esta é uma das causas que tem tornado famosos os automoveis REO, que sempre tem gosado de uma invejavel fama pela sua qualidade.



[REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e actual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.]

CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 :: TELF. N-789 (PBX) :: LISBOA

AGENTES NO NORTE:

M. FREITAS DA COSTA & IRMÃO

RUA DUQUE LOULÉ, 142/144 :: :: PORTO

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

A MAIS COMPLETA QUE SE PUBLICA EM LÍNGUA PORTUGUESA, E TÃO PROFICIENTE COMO A MELHOR DAS QUE SE EDITAM NO ESTRANGEIRO

**ÚLTIMO
VOLUME
PUBLICADO:**

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avanta, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora aparecidos.

670 PÁGINAS E PERTO DE 715 GRAVURAS

PREÇO 30\$00

Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**MAGAZINE
BERTRAND**

**CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA**

LEIAM O NÚMERO DE MARÇO

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA

O MAIOR ÊXITO DE LIVRARIA
AUGUSTO DE CASTRO

Sócio efectivo da Academia
de Ciências de Lisboa

NOVELAS

VENEZA
UMA NOITE

— E —

SOLAR DE FRADES

São duas notáveis novelas, em que,
na mais bela prosa portuguesa, se faz
a história de três corações femininos

PREÇO 15\$00

A VENDA NA FILIAL DO
"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 E 11
E nas outras livrarias

CHAMPAGNE

GRANDE MARCA

PIPER-HEIDSIECK



AUTOMOBILISTAS

**O PRIMEIRO TRIUNFO
DE 1930!**

**RALLYE INTERNACIONAL
DE MONTE CARLO**

**A PRIMEIRA PROVA
AUTOMOBILISTA DE IMPORTANCIA
REALIZADA ESTE ANO**

**O 1.º 5.º 7.º E 9.º
CLASSIFICADOS**

**USARAM
GASOLINA E OLEO**

SHELL

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procissão)

Telef. T. 871

EDITOR : Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 101

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

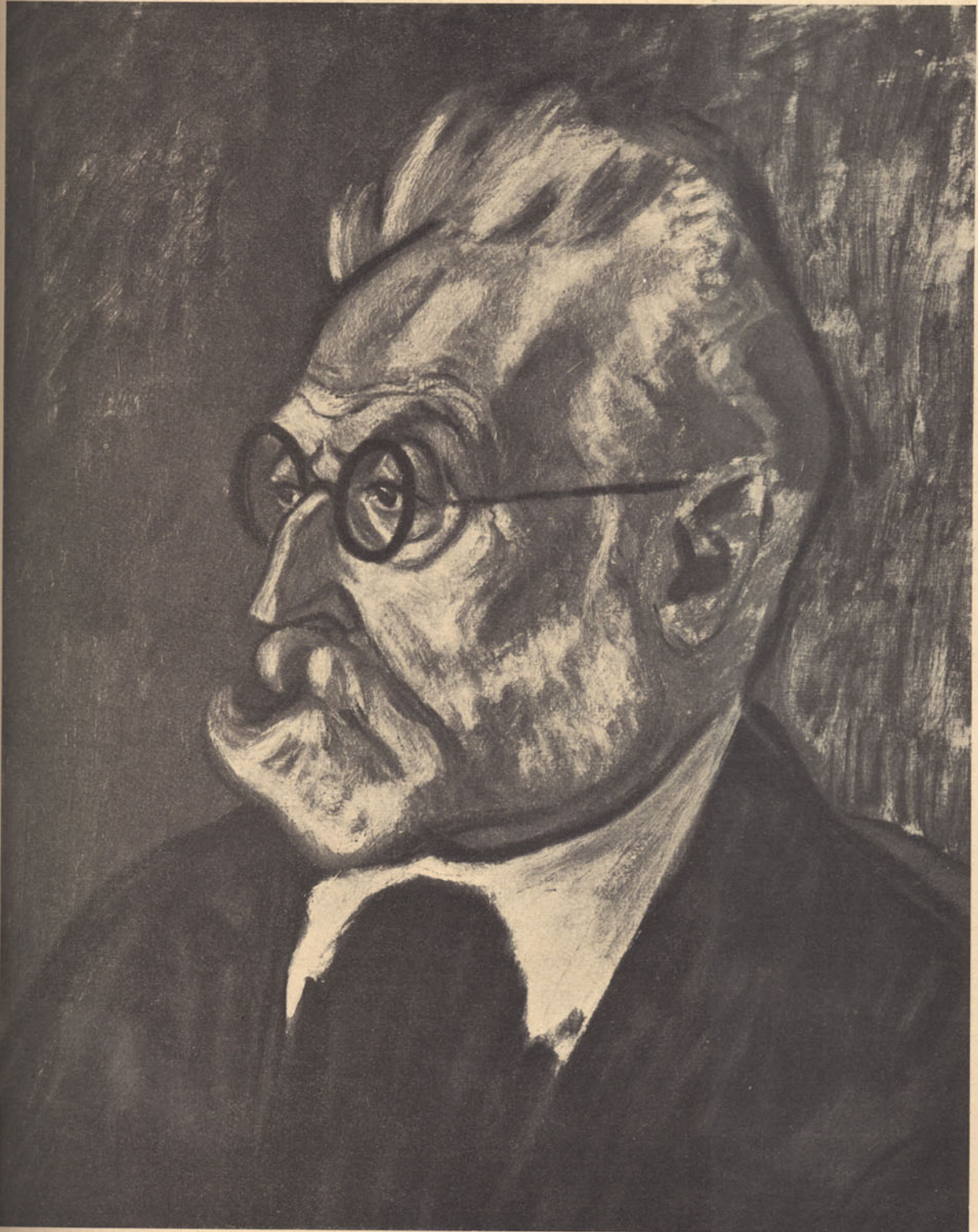
DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

1 DE MARÇO DE 1930



D. MIGUEL DE UNAMUNO — JUAN ECHEVALERIA, O CONHECIDO PINTOR ESPANHOL, DÁ-NOS NESTE ADMIRÁVEL RETRATO UMA INTERPRETAÇÃO EXACTA DO ESPÍRITO DE D. MIGUEL DE UNAMUNO, INSIGNE ESCRITOR ESPANHOL QUE AGORA REGRESSA À SUA PÁTRIA APÓS CINCO ANOS DE DESTERRO, E A QUEM A SENSIBILIDADE E AS LETRAS PORTUGUESSAS DEVEM UMA COMPREENSÃO PROFUNDA E UM ENTUSIASMO DIGNO DA NOSSA MAIS FERVEROSA GRATIDÃO



CRONICA DA QUINZENA

Carnaval: tempo de divertimento, dizem os dicionaristas, que vai do dia de Reis à quarta-feira de Cinzas. Se assim é, há mais de um mês, já, que dura o carnaval. Em tempos mais recuados, ele começava ainda mais cedo, no próprio dia de Natal. Na realidade, porém, hoje em dia, aparte um ou outro baile de máscaras, o carnaval acha-se limitado aos três dias que precedem a quarta-feira de Cinzas.

A origem do termo *carnaval* é bastante obscura: as etimologias propostas são tôdas elas mais ou menos fantasistas. Um pouco menos desconhecida é a genealogia dos divertimentos a que o termo corresponde. Eles provêm, em linha mais ou menos tortuosa, das festas, acompanhadas de mascaradas e outros folguedos que os romanos, e não só eles, celebravam no começo de cada ano, para o tornar propício, e, na primavera, em sinal de regosijo pelo renascimento da natureza amortecida durante o inverno. Tais eram as *saturnais*, as *calendas* de Janeiro, as *lupercais* de Fevereiro.

Sobretudo, das *saturnais* deve ter passado muita coisa para o carnaval. Eram festas instituídas em honra de Saturno que, tendo sido expulso do céu por Júpiter, foi governar o Tácio, fazendo reinar ali a igualdade, a abundância, a paz, a felicidade perfeita. Em memória desta *idade de ouro*, nos três dias das *saturnais*, as distinções sociais eram abolidas, os tribunais não funcionavam, os escravos punham na cabeça o *pileus*, emblema da liberdade, e percorriam as ruas soltando exclamações e gritos de regosijo; havia mascarados, danças, banquetes em que os patrões serviam os escravos, e licença para dizer e fazer tudo quanto vinha à cabeça.

Os traços de semelhança entre as *saturnais* e o carnaval são manifestos. Entre os babilônios, as festas de Adónis, entre os egípcios, as da deusa Isis e do boi Apis, entre os gregos, as *bacanaes*, comportavam igualmente divertimentos e mascarados. Encontrar-se há em todos estes povos a tradição de uma *idade de ouro*? Se assim é, o facto adquire um carácter de generalidade, e a filiação do carnaval nas *saturnais* romanas tem grandes visos de verdade.

Seja como fôr, o que não padecer dúvida é que, em todos os povos, o despertar da vida que parecia adormecida durante o inverno, deu sempre lugar a manifestações de regosijo, e a cerimónias e ritos, pelos quais os homens se esforçavam por simbolizar ou imitar as acções da divindade, persuadidos de que certos gestos imitativos, certas palavras e certos

gritos, lhes permitiam entrar em comunhão com as forças ocultas ou seres misteriosos que regulam o curso dos acontecimentos. Daí, as mascaradas, e também as danças imitativas, umas, do curso dos astros e da sucessão das estações, outras, das lutas guerreiras e suas peripécias.

Todavia, através dos tempos e dos lugares, o carnaval deve ter-se alterado de época para época, e de povo para povo, senão de província para província, pela intervenção de costumes e tradições locais. Assim, o cristianismo não aboliu as antigas festas pagãs, mas instituiu outras análogas, que devem ter dado elementos novos para o carnaval. A *dansa do rei David*, por exemplo, deve ter vindo de alguma delas, talvez da *fiesta do burro*, em que o povo se dirigia à catedral em procissão, à frente da qual iam Moisés, Aarão, David e outros personagens bíblicos, com reis judeus e reis gentios, Balaão e a sua burra, personagens primaciais da festa. A seguir, havia danças, cantigas e farsas recheadas de ditos picarescos.

De um burlesco mais estranho, e mais difícil de explicar era a *fiesta dos doidos*, também conhecida por *fiesta dos inocentes*, na qual se elegia um bispo e mesmo um *papa dos doidos*. Segundo rezam velhas crónicas, os padres, enlambusados de bôrra de vinho, mascarados e vestidos da maneira mais extravagante, entravam no côro dançando e entoando canções obscenas. Os diáconos e subdiáconos comiam chouriços de sangue e salchichas em cima do altar, jogavam os dados e as cartas na presença do oficiante, e queimavam no turíbulo chinelos velhos. Por fim, percorriam as ruas em carroças cheias de lixo, em posturas abandalhadas, cantando cantigas licenciosas.

Festas análogas celebravam-se nos conventos dos dois sexos. E duraram até quasi ao fim do século dezasseis.

Das festas abolidas pela autoridade eclesiástica, ou caídas em desuso, o carnaval foi sempre, em todo o caso, recolhendo alguma parte da herança.

Da mesma forma se compreende a entrada no carnaval de certos tipos universalmente conhecidos: o *pageim* medieval, *Arlequim*, *Pierrot*, os médicos de Molière, o jesuíta, *Polichinelo*, os fidalgos e nobres damas da corte de Luís XV, o *chêché*, que deve vir dos fins do século XVII, a *velha de çapote e lenço*, muito mais recente, e tantos outros.

Mas o carnaval não era, apenas, caracterizado pelas mascaradas. A brutalidade e a porcaria eram, pelo menos em Portugal, ainda há cincoenta anos, duas das suas feições essenciais.

Tudo isto passou à história. No decorrer de século passado, o carnaval foi perdendo cada vez mais da sua significação e da sua vivacidade, e, hoje não passa de uma velha tradição agonizante, mero pretexto, como

qualquer outro, para os rapazes e as raparigas se divertirem. Nos três dias da praxe tôda a gente sai à rua por um velho hábito, para vêr alguns carros de *réclame* comercial, e criancinhas vestidas de oficial de marinha, de cozinheiro, de Pierrot, de salaio ou de varina.

Entre 1880 e 1890, os cortejos satírico-políticos organizados pelo talento de Rafael Bordalo deram ao carnaval uma recrudescência de vida: mas isto durou pouco, o carnaval tinha os seus dias contados.

A principal causa da sua decadência foi a evolução política e social das nações modernas; sem ela, os editais do Governo Civil de nada serviriam, como não serviriam os editais reais das épocas anteriores. Por um lado, à medida que o simples cidadão ia adquirindo a consciência dos seus direitos sobre a sua pessoa, ia repontando e levantando a bengala; os conflitos iam-se multiplicando, e as autoridades, por fim, viram-se obrigadas a intervir, não obstante a manifesta protecção que dispensavam à mocidade das classes privilegiadas. O que se conta de Henrique III, de França, vindo mascarado para a rua, com a *troupe* dos *mignons*, espancar os burgueses de Paris, e atirar para a lama as tranças das mulheres, seria, hoje, absolutamente impossível, mesmo que ainda lá houvesse monarquia.

Por outro lado, as cidades, de dia para dia mais policiadas e mais limpas, cada vez mais se incompatibilizavam com as porcarias do carnaval, tornando intoleráveis aquelas brincadeiras que tão bem se coadunavam com os tempos da «água vai!», em que os dejectos corriam em regueiro pelas ruas mais frequentadas.

A carestia da vida, por fim, veio acelerar a morte do carnaval. Quem poderia hoje, a não ser algum *snoob*, dar-se ao luxo de jogar o entrudo com ovos a seis mil réis a dúzia, supondo mesmo que os editais não proibiam o seu uso em tiroteio carnavalesco?

Subsistem os bailes de máscaras porque os rapazes e as raparigas os não deixam acabar, tanto mais que ainda não sabem dar o valor ao dinheiro; e os pais, que sabem o que êle custa, curvam-se, todavia, à vontade dos filhos.

E eis o que resta do carnaval. A lenda da *idade de ouro* perdeu-se na bruma dos tempos, e os servos de agora já se não sentem grandemente consolados com a regalia concedida de se mascararem de patrões três dias em cada ano.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

N. da R. — No passado número, o belo e interessantíssimo estudo «Donjuanism Teheco» não appareceu, por lapso tipográfico, com a assinatura do seu autor, o eminente homem de letras e professor illustre da cadeira de estudos portuguezes na Universidade de Madrid, dr. Fidelino de Figueiredo. Ao nosso illustre colaborador e aos nossos leitores apresentamos as nossas desculpas.

O V PORTUGAL-FRANÇA EM FOOT-BALL

Presenciado por 20 mil pessoas realizou-se, no Pôrto, o V desafio internacional Portugal - França, em foot-ball. Damos nesta página uma reportagem inédita do jôgo em que a *équipe* portuguesa ganhou por 2 pontos a 0, num jôgo que, se não foi uma lição, deu a medida das *équipes*.



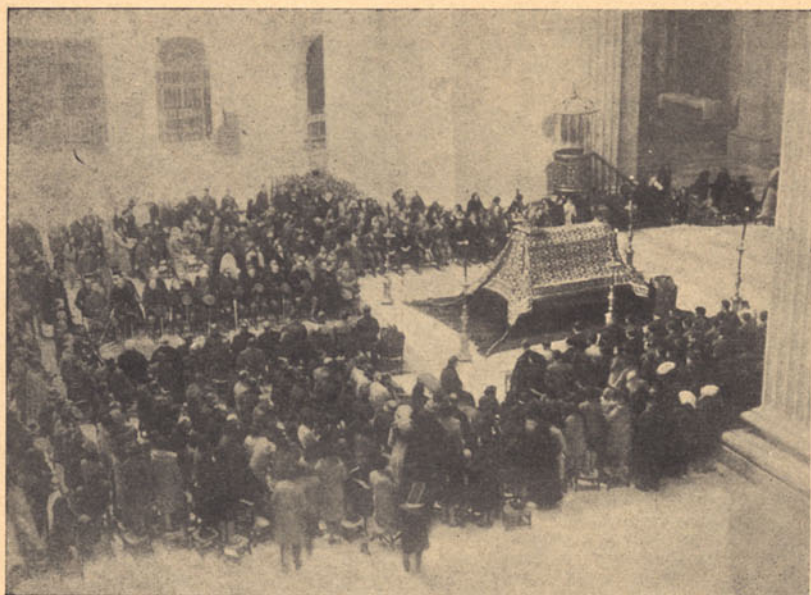
(Reportagem exclusiva de Alvaro Martins.)



1— O sr. governador civil do Pôrto e autoridades presidindo ao jôgo. 2— Uma intervenção magnífica de Rôquete. 3— Os portugueses entram no campo. 4—

Interceptando uma avançada francesa. 5— O porteiro francês alivia com dificuldade. 6— Martinho, em grande estilo, salva de cabeça. 7— Os franceses entrando no terreno. 8— A troca dos cumprimentos entre os capitães das duas *équipes*. No chão, a cabrinha-mascote dos franceses. 9— Uma *me-lê*-vigorosa

A SITUAÇÃO ESPANHOLA



EM CIMA — Aspecto da grandiosa nave da igreja do Mosteiro do Escorial, durante as solenes exéquias celebradas por alma da rainha D. Maria Cristina, mãe que foi do monarca espanhol
A DIREITA — A saída do Palácio de Oriente, depois de apresentar condolências por ocasião das exéquias por alma da rainha D. Maria Cristina; o duque de Alba, actual ministro de Estado no gabinete do general Berenguer e o Marquês de Urquijo, Grande de Espanha.



(Fotos Orrios, exclusivos da «Ilustração»)

A ESQUERDA — Cambó (x), o antigo deputado regionalista catalão e antigo ministro das Finanças, uma das figuras mais em foco do momento político espanhol, recebendo os jornalistas, a quem fez declarações, no Hotel Ritz
A DIREITA — O conde de Romanones (x) também figura de primeira plana da política do visinho reino, saindo da Ermida de Santo António de la Florida, (Museu de Goya), depois das exéquias por alma da rainha mãe e acompanhado pelos seus amigos, entre eles Benlliure e o pintor Benedito



NO OVAL DA ESQUERDA — Alexandre Lerroux, o velho caudilho republicano espanhol, agora em intenso destaque pelas suas públicas declarações sobre a provável mudança de regime em Espanha e suas relações com Portugal
A DIREITA — Celebrando a data da implantação da República espanhola, celebrou-se um banquete popular na pitoresca «Casa Juan». No primeiro plano Lerroux (1), uma velhinha que, em 1873, passou a bandeira da República em Bilbao e que diz esperar receber o gesto antes de morrer (2), o venerando democrata Salmerón (3) e o dirigente republicano Aznárez (4)

NOTAS — DE — ACTUALIDADE

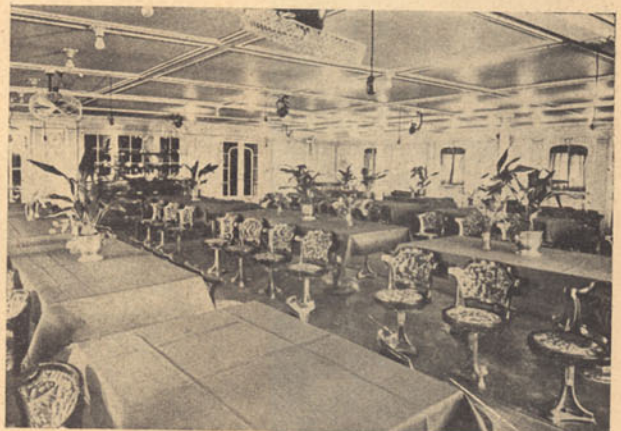
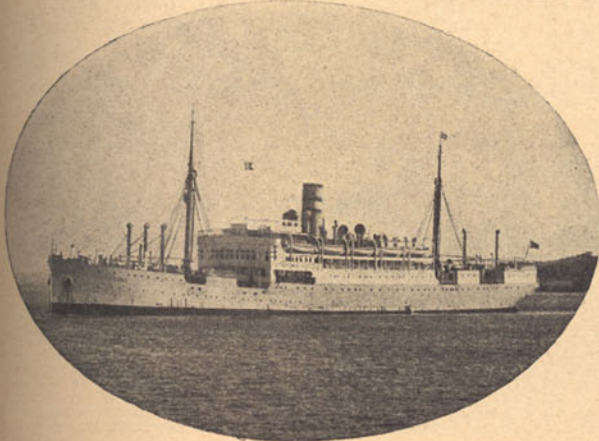


A VISITA DE ESTUDO DOS ALUNOS DO 5.º ANO MÉDICO DE LISBOA ÀS FACULDADES E HOSPITAIS DE MADRID. — *A esquerda:* Os estudantes portugueses com os seus mestres profs. Lopo de Carvalho, Augusto Monjardino, Moreira Júnior e Costa Sacadura, na Universidade Central de Madrid, por ocasião da sua visita. — *Em baixo, no oval:* Os estudantes portugueses, com os seus mestres, no ministério da Instrução Pública, onde foram recebidos pelo Duque de Alba, ministro daquela pasta, e o ilustre embaixador de Portugal em Madrid sr. Melo Barreto, a cujas gestões se deve grande parte do êxito desta visita de intercâmbio universitário

(Fotos Orriós.)



A NOSSA NOVA FROTA MERCANTE: O «COLONIAL». — Depois do «Mousinho» a Companhia Colonial de Navegação pôs em serviço para as suas carreiras de África mais um grande paquete de 8.500 toneladas, o Colonial, que fica sendo uma das unidades verdadeiramente civilizadas da marinha mercante. As nossas fotos representam: Em cima, um camarote de luxo. Em baixo, no oval, o paquete fundeado no Tejo, à direita, em cima um aspecto do salão de música da primeira classe e em baixo, também à direita: a luxuosa sala de jantar de 1.ª classe



ECOS E
FACTOS



EM BAIXO: — O sr. barão de Valentino, illustre ministro de Itália, ofereceu, no palácio da Legação, um almôço a alguns funcionários da Presidência da República, entregando-lhes depois as insígnias com que recentemente foram agraciados pelo governo italiano. As condecorações foram as seguintes: a comenda da Coroa de Itália ao sr. dr. Francisco Mantero e o oficialato da mesma Ordem aos srs. capitão Silva e Costa, tenente Carvalho Neves e Adérito Carmona

Mesa que presidiu à sessão solene comemorativa da posse da nova direcção do Grémio do Minho, e durante a qual o sr. almirante José Francisco da Silva fez uma interessante conferência



Ilustres e elegantes senhoras e meninas que assistiram ao sumptuoso baile realizado no passado dia 15 nas salas do Grémio de Trás-os-Montes, colectividade regionalista florentíssima que, na sua nova sede, tem promovido brilhantes festas que marcam pela elegância e bom gosto, pois que entre os sócios desta agremiação se contam muitas das famílias mais distintas de Lisboa

(Foto Serra Ribeiro)



NO OVAL: — Aspecto da bela exposição de fotografias de arte, «o Salão Kodak da fotografia», promovida, nos seus salões, pela grande casa americana «Kodak», e que constituiu um enorme e justificado triunfo



A ESQUERDA: — A sr.ª baronesa de Valentino, esposa do sr. ministro da Itália, em Lisboa, ofereceu, no palácio da legação, um chá-dançante, antecedido de recepção, às numerosas pessoas das suas relações. Além de muitas outras individualidades de alto destaque no nosso meio social, vieram na assistência os srs. Presidente do Ministério, Nuncio Apostólico, Bispo de Trajansópolis, almirante Ivens Ferraz, dr. Ferreira de Almeida e esposa, tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, etc.

FIGURAS — DO — MOMENTO



CONDE DE LA MORTERA

D. Gabriel Maura, filho do grande D. António Maura e que está organizando em Espanha um novo partido político. (Foto Orrios).



A. DANSARINA NAVRATIL

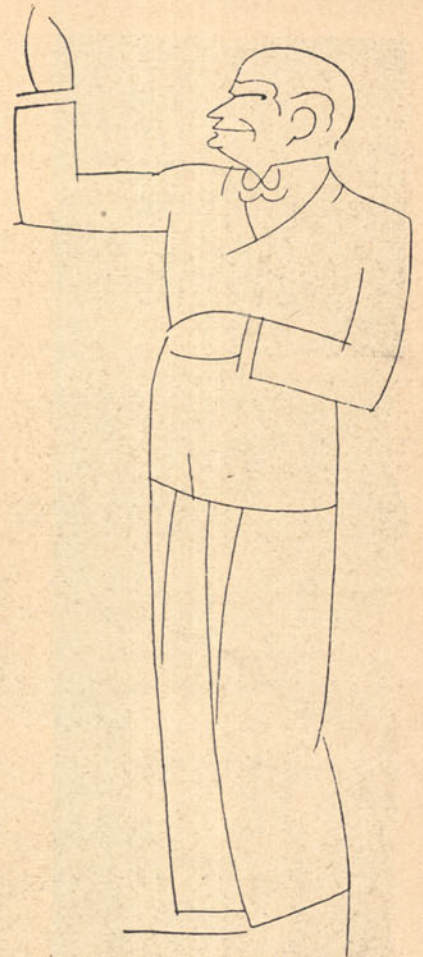
Acusadora de Gaby Deslys pelo delicto de espionagem, no recente processo da herança da discutida artista. (Foto Orrios).



GENERAL MILLER

Sucessor do general Kutepoff como chefe dos Russos Brancos, em virtude da misteriosa desapareção deste, desapareção que continua envolta em denso mistério e que pode ser causa de profundas modificações na política internacional, no que diz respeito às relações dos países da Europa com a República Socialista Soviética da Rússia, pois se atribui no governo de Moscúvia e aos seus agentes em França a prática do rocambolesco rapto do eminente militar emigrado.

(Foto Vu)



FREDERICO GARCIA SANCHIZ

Notável conferencista espanhol que em breve nos visitará e cuja conferência sobre a ditadura espanhola no Teatro da Comédia de Madrid, foi proibida pelo governo Berenguer.



D. PASCUAL ORTIZ RUBIO

Novo presidente eleito da República do México em substituição de Portes Gil. (Foto Orrios).



ABEL BOTELHO

Eminente escritor português, autor de alguns belos romances realistas, falecido há anos, na América do Sul, onde era ministro plenipotenciário de Portugal e cujos despojos funerários chegaram há dias à Pátria.

(Desenho de Tagarro.)



ARMANDO DE MATOS

Notável erudito, membro da Associação dos Arqueólogos, dos Institutos de Coimbra e Histórico do Minho, e Etnológico da Beira, director de *Estudos Nacionais*, série de monografias, e que acaba de publicar um valioso estudo sobre «As armas da cidade do Pôrto», editado pelos «Amigos do Museu do Pôrto».

PELO NORTE



A ESQUERDA: — Em Santo Tirso, a prestimosa colectividade dos Bombeiros Voluntários inaugurou, festivamente, o seu novo carro auto-máca
 EM BAIXO: — No Pôrto, nos salões dos Armazéns Nascimento realizou-se um sumptuoto baile de caridade. A assistência, durante a ceia
 (Fotos Alvaro Martins.)



NO OVAL DE CIMA: — Viana do Castelo. — Os dois grupos, Sport Comércio e Salgueiros, do Pôrto, e Sport Club Vianense depois do desafio, que os segundos ganharam brilhantemente

O CRIME DE LANHEZES (Viana do Castelo). — A esquerda: — Os «Rufos» indiciados assassinos de Manuel Franco de Brito, com a convivência da mulher e filha do assassinado. A direita: — Quitéria Augusta da Conceição e sua filha, Maria da Conceição, mulher e filha do assassinado e mandatárias do crime
 (Fotos Aureliano Carneiro.)



O novo Orfeão de Castelo Branco, excelente agrupamento coral que, com o mais absoluto dos êxitos, se estreou no passado dia 16 de Fevereiro, num grandioso e aplaudidíssimo concerto

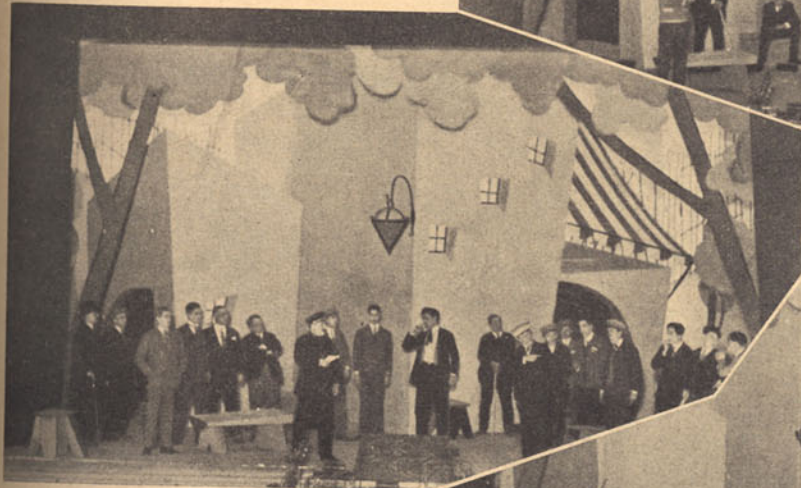
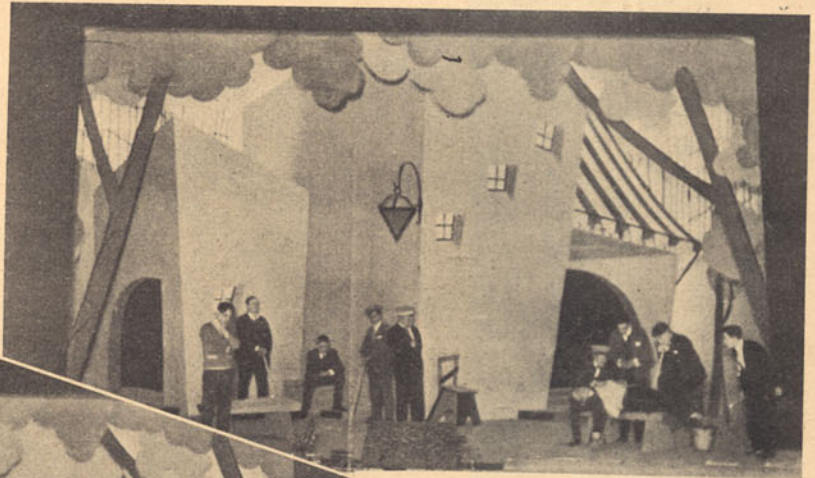
O distinto maestro capitão Guilherme da Piedade, regente do novo Orfeão de Castelo Branco e grande factor do êxito alcançado por aquele na sua apresentação

TARARI! UM GRANDE SUCESSO TEATRAL EM LISBOA

Com o mais absoluto sucesso, um êxito intelectual acompanhando um êxito de público estreou-se em Lisboa uma obra marcante do teatro actual, a sátira espanhola *Tarari!*, de

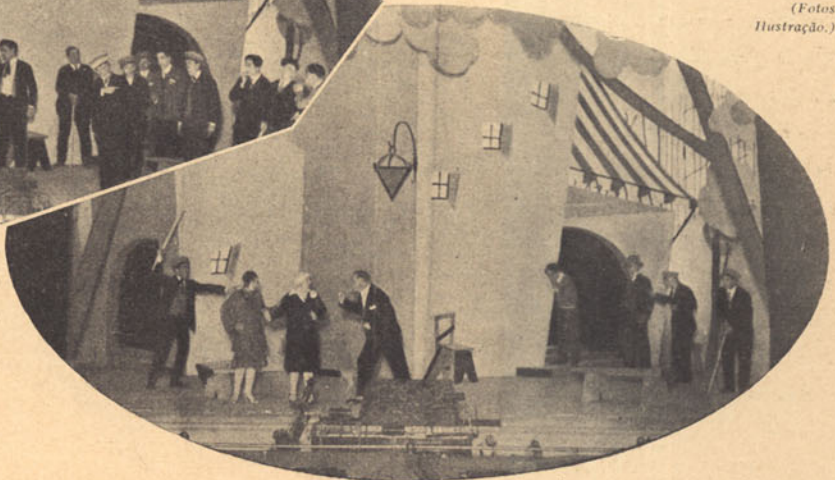


D. Valentin Andrés Alvarez. Obra do momento, de aguda crítica, mas obra também duradoira como todas as coisas profundas e sinceras, a sátira de Valentin Andrés, jovem literato e pensador moderno, querido amigo da «Ilustração», pode considerar-se, em conjunto, definitiva e perfeita. Através a jocosa efabulação surgem, borbulhantes, os conceitos profundos, de forte estirpe juvenalesca, guindando o entremés a grande altura, o que levou um crítico português a, com propriedade, filiar *Tarari!* na dinastia gloriosa em que Gil Vicente, Molière e Shaw tem postos capitais. O autor, que presenciou a estreia em Portugal da sua obra, foi muito homenageado por artistas e homens de



letras, tendo, em sua honra, sido organizadas várias festas na Embaixada de Espanha, em distintas casas particulares, Sociedade de Autores, etc., sendo muito apreciadas as breves

(Fotos Ilustração.)



palavras com que abriu a série de representações da farsa que o seu talento brindou, como um regalo delicioso, aos guloses de bom teatro. As nossas fotos representam o nosso simpático e talentoso colaborador de além-fronteiras, num grupo com os artistas interpretes da peça e o nosso director (no último plano), que, com o querido camarada Novais Teixeira, traduziu magistralmente *Tarari!*, e ainda várias cenas da obra desenroladas ante o magnífico cenário ultra-moderno de Tom.

Gloon o Cantor

Era triste, sempre, o palácio do rei Egholm, dominando um *fjord*, cujas ribas rochazes a água sem marcantes espaldeva. Era triste,



por nele viver, melancólica e suspirante, Agnete, a formosa filha do rei desolado, cuja cabeça, alourada pelas glórias guerreiras e alva do gear dos anos, se atontava pela desdita da filha. Ele, tão compadecedor das penas dos seus vassallos, lembrava-se da infância gracil de Agnete; das suas travessuras de graças leves, e, urbanas já. Quando com os seus guerreiros, feros e leais, entrava das conquistas, era ela, risonha, que lhe retirava o capote lizado e plumoso, o manto pesado de pele de urso, e, das mãos felizes, a catana formidável e ensanguentada.

Mas um dia, além da horda fiel, o rei desembarcou da sua galera com um moço desconhecido, que era Gloon, o cantor. Com

mil donaires, cantou êle a Agnete, um canto de amores; sorriu-lhe. Egholm, cuvia contente, olhando a filha, remoçado logo nos brios e ardores da mocidade; e, o jóvem que consigo trouxera olhava-a também muito, esquecendo os seus pés rasgados pelas carlinas, entre os frecheiros rudes, indiferentes ao pêso das aljavas bôtas, encantados; imóveis com os seus arcs mortíferos.

Na manhã seguinte, Agnete não viu mais Gloon. Mas efigiada ficou na donzela a sua imagem: o seu rosto duma formosura pensativa, assetinado e imberbe; os seus mem-

broz róseos, sádios e sem penugem, contrastando com o pelote de ainho cubrindo-lhe o torso airoso. Aonde fôra êle? Onde estava? Era talvez um traidor; fôra atirado ao mar? Preguntou e nada soube. Não havia uma lenda que lhe contára a sua velha ama?! Uma lenda... Ela dissera a Agnete que, dos jovens mais formosos e dotados na terra, os deuses do mar faziam selecção. Que as sereias os captavam, para, nas regiões marinhas, prosperarem de enlevos. Esses eleitos então vinham raras vezes à superfície revolta, nas noites hibernas. Mas, quando chamavam do



MUSEU DO PRADO

MADRID



BARTOLOMEO
ESTEBAN
MURILLO

Rebecca e
Eliezar

guerreiro de soada fama; que por Agnete concebeu logo um grande amor. Era hercúleo. A sua pele, tanada pelo ar agreste, cobria-se de pelos ruivos. Do elmo, erriçado de dois cornos de búfalo, pendiam-lhe longas madeixas louras misturando-se às barbas longas. No rosto sardento e vincado, os olhos pardos e sonhadores olhavam nobremente. Mas se Agnete o não considerava, pensando sempre no seu belo cantor Gloon! E o guerreiro entristecia também, como Agnete e o rei Egholm.

Era sempre triste, o palácio do grande rei Egholm, sôbre o *fiord* sem vida. Agnete fenecia: o seu porte tão gracil, parecia ao pêso da saúde. A sua tez ebúrnea desfeava-se; fios prateados começavam avelhentando-lhe as crenchas fulvas e crespas. De tanto olhar o mar, almejante e desvairada, os seus olhos, que haviam sido dum azul safira, tornavam-se incolores e embaciados pelas lágrimas manantes. Mas o guerreiro montanhesco e amoroso, tomado dum languor constante amava sempre a virgem abstracta.

Na pretidão celeste e no fundo dos *fiords*, rebramavam os raios. A galera chegava da



grande reino, as virgens amantes a êles se uniam para núpcias maravilhosas e eternas. Gloon, no convívio dos tritões fieis, viria buscá-la, ela, a princesa romântica!

Agnete foi crescendo, sempre mais triste e desejosa de beijos saciantes. Estava no mar frio o formoso Gloon. No mar misterioso, no poder soberbo dos deuses sagazes. E Agnete pôs-se a viver, debruçada sôbre o seu sonho: o mar; atenta a todos os rumores das águas.

Fugiram os tempos rodantes. O mar eternamente passou pelos sinuosos *fiords*. O sol da meia-noite alambreou os cumes desolados e os desfiladeiros áridos, ecoando a quebraça no seu fundo negro. A armada do rei Egholm parecia e renascia. Os velhos, ou ficavam na rastolhada de mortos cobrindo a campanha desolada, esguardados pelas águias

sinistras, ou eram precipitados dos planaltos, de noite, à luz macabra duma fogueira de carvalho, que enrubecia o céu plumbeo.

E com o defunto, atiravam solenes os lobeiros, os galhos esbrazeados, que ainda iluminavam a água lúgubre e bolhosa.

E Agnete no seu terraço, cativada pela água turva, só pensava em Gloon o cantor, mau grado tantos soes haverem tênueamente fulgido. Gloon estava com ela, sempre. Não era êle o seu amor?!

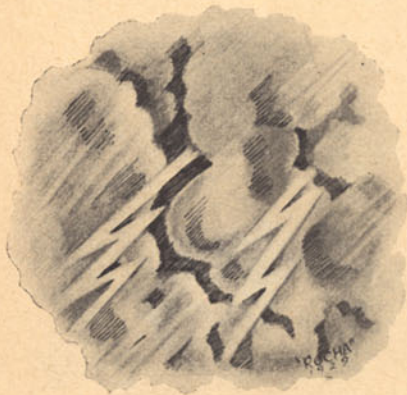
E o pobre rei, esquecido já de Gloon, confo dos seus inimigos, não sabia que fazer à filha, descrido do poder dos deuses, cada vez mais branco pelo pó das sendas da vida. Renovava-se o seu exército. Nele, tangados de lanugens, deram ingresso com honra, homens das terras friais, e, entre êles, um

matança, poçando gente nas fráguas, à luz precária dos fachos resintentos que a procela zimbrava. Desembarcavam com grandes trabalhos por causa do estio tempestuoso, os caçadores e os gregários ensanguentados, vergados ao cargo das carnes cruas e selvaginas, sob o mando do guerreiro apaixonado que um forte iobocão seguia fielmente. Pelas escarpas subiam os homens, açoudados, famintos e exaustos. Porém, o herói amoroso, descorando a fadiga, deteve-se. Ribombavam ensurdecedoramente os trovões. O seu eco inofensivo misturava-se às novas descargas eléctricas.

Cativado pelo abismo, estava o guerreiro triste, deseioso de se lhe oferecer, quando, nos astros medonhos, viu desenhar-se, um instante fantástico, a figura tremulante e adorável de Agnete, debruçada sem temor do terreiro tenebroso, sôbre as águas revulsas e ressoantes.

Então, o guerreiro desesperado, aproximou-se ousadamente e com custo. E das ladeiras negras, mantendo-se prodigiosamente nas rochas escarpadas e limosas, a sua voz, entrecortada pela trovoada, desesperadamente disse a Agnete :

—Sou eu quem te fala, oh! minha Agnete!



Lembras-te d'êle?... Do jovem cantor que há tanto tempo já para ti cantou um amor perdurável?! Não te lembras, Agnete?... Não te lembras?!... Não reconheces a minha voz?! Votei à minha terra, volvi, e, tu não queres de mim, que contigo andei sempre e ando!... Nunca me quiseste ouvir, nunca me olhaste. Não me amas!



E a sua voz alta e esforçada, parecendo vir das águas tormentosas, fêz estremecer Agnete, a qual, pendendo mais para o abismo, bradou, animada duma grande energia :

— Eu não olhar-te?!... Se nunca me appareceste, oh! meu Gloon querido!... Eu nunca te haver escutado?!... Se jámais me falaste!... Aqui me tens... Sou tua! Tua!...

Mas o guerreiro nada respondeu. Como poderia até êle chegar a voz débil de Agnete, levada pelo temporal?!

— Sou tua... Tua!... Clamava ansiosa Agnete, suspensa do balcão caótico, surpreendida e desvairada, por não ouvir de Gloon o apêlo entusiasmado. E gritando, envolvida nos cabelos fulvos, lançou-se no espaço trágico.

Mas o que fôra o seu corpo, tão leve, mergulhado nas ondas espumantes?! Uma pena que baila no ar...

Entrementes, Gloon, sem nada saber, tão pequeno no vendaval como um grão de areia,

absorto, mau grado esforçar-se por manter-se no desfiladeiro perigoso, torturado pelo desprezo de Agnete que o não olhára nunca ou ouvira, pôs-se a chorar. Não podendo mais viver, abriu os braços velosos e inúteis. E como Agnete, sumiu-se no mar lendário.

JAIMÉ DE BALSEMÃO.



MEMÓRIAS DE UM EMI-GRANTE CLANDESTINO



RIO DE JANEIRO. — Fontenário Monumental na Praça de 15 de Novembro

Graças a Deus começam a voltar-se as atenções gerais para o flagelo da nossa emigração. Mas o público, impressionado pelas estatísticas, penso eu que não sabe, nem calcula, quanto os números oficiais estão abaixo da verdade. A expressão numérica da emigração clandestina, parece-me que não deve ser desprezível, se bem que a intensificação da vigilância e a melhor organização dos serviços tenha conseguido reduzi-la nos últimos anos. Contudo os números das estatísticas brasileiras não coincidem com os das estatísticas portuguesas... e, pelas malhas policiais dos dois países, não sabemos quantos aventureiros podem passar ainda.

Há dez anos o problema era simples, embora dispendioso, incómodo e... arriscado, como os leitores vão apreciar.

Por aquele tempo não me era consentido respirar o ar da Pátria senão por detrás das grades de uma prisão.

Oh! Não cuidem os leitores que fosse desprimorosa a causa de tão restritivo condicionamento da minha posição oficial! É que eu tinha, então, a honra de vestir uma farda de alferes de artilharia... Contos largos que não vêm ao caso. O certo é que entre as duas soluções: — prisão e emigração, optei pela segunda, porque a primeira não era emprêgo que conviesse à manutenção da minha família e porque Deus disse:

«— Foge tu da tua parte, que eu te ajudarei.»

Vai daí comeci a preparar as coisas para partir, o que não parecia muito fácil — porque tinha, para isso, de contrariar as disposições legais — nem me era muito agradável, porque eu não gosto de mentir nem de contrariar ninguém.

O embarque teria de ser feito: num navio estrangeiro, a ocultas das autoridades, sem passaporte e sem bilhete de passagem. Problema tentador para um homem de acção! Ora, como é imenso o poder da compra, depois de algumas negociações... diplomáticas, pôde comprar-se a possibilidade do embarque em Lisboa e do desembarque no Rio de Janeiro, à margem de todos os Códigos; admitidos, porém, os riscos de tal empresa. E uma tarde chegou a ordem de marcha:

— Prepare-se para embarcar dentro de uma hora!

O tempo não dera lugar a grandes preparativos... nem os anteriormente feitos podiam ser utilizáveis, porque se condicionava a partida com a proibição rigorosa de transportar fôsse o que fôsse, além do vestuário normal de um pacífico cidadão saído de casa para um passeio higiênico pelas ruas da cidade.

Roupas de reserva: — quatro lenços e dois pares de meias.

Equipamento: — Cinco massas de cigarros e

dois livros, os primeiros que vieram às mãos e foram um volume de Corneille e outro de Racine.

Armamento: — Algumas libras para a viagem e o dinheiro preciso para liquidar o «negócio».

Meia hora depois, eu e o meu guia, saltávamos de um «coupé» à entrada do cais de Alcântara, bem patrulado pela cavalaria da Guarda.

Passados cinco minutos bebíamos tranquilamente uns copos de cerveja, admirando o perfil do navio inglês que, fundeado ao largo, se dispunha a partir nessa tarde para o Brasil.

Dez minutos mais tarde escorregava eu pela muralha exterior da doca, e caía num barqueto à vela que, à hora marcada, atracava, sem dificuldade, à escada do portaló do vapor sobre cujos «decks» teria de passear o meu incógnito durante quinze intermináveis dias.

A liquidação do negócio, o preço da liberdade, fôra pago no tracto ao arrais que me levava. A êle cumpria-lhe, agora, liquidar a bordo com a pessoa encarregada de pôr-me em terra no Rio de Janeiro.

Ao portaló vigiavam as entradas os múltiplos funcionários encarregados daquele serviço. Mostrei o meu bilhete e passei...

Que bilhete? O meu... Um que me arranjam como os leitores podiam ter arranjado se lhes tivesse apetecido, naquela tão linda tarde de primavera, dar um passeio pelo Tejo e satisfazer uma tão inofensiva curiosidade, como a de ver por dentro um navio inglês momentos antes de levantar ferros para o Brasil.

Fôí à sombra do castelo da prôa que se firmou aquele tratado secreto entre mim, o meu arrais e o encarregado da 3.ª classe: — um simpático rapaz da Corunha, irrequieto, esperto e desconfiado. Ficaram ali estatuidas, mais seguramente do que por decerto parlamentar, as obrigações e direitos de cada um de nós.

Depois o arrais desapareceu; o encarregado sumiu-se; e eu, sósinho, observando aquele mundo novo em que a minha aventura teria de encerrar-se por meio mês, fui abordado por um malandro melencólico, mas hábil político, sorridente, untuoso e poderosamente sintético na expressão das suas idéas, que avaliava em dez escudos (naquele tempo era dinheiro...) a sua adesão à minha clandestina partida da boa terra de Portugal!

O maroto ouvira ou adivinhara tudo...

Sofreei o ímpeto humaníssimo de testemunhar-lhe a minha admiração com um sóco de reconhecimento e compreí-lhe o silêncio por vinte e cinco tostões... Não foi caro!

Souo o terceiro sinal. Mário Allen, que não me vira, despedia-se com um abraço de um dansarino espanhol em viagem para a Argentina.

Assisti ao erguer do ferro encascado na lama do Tejo. Depois, melancolicamente encostado ao mastro do prôa assisti ao desfile encantador das nossas práias nimbadas pelo ouro do poente.

A saída da barra tocou para o rancho da 3.ª classe. Desfilaram, empunhando as «latas», os pobres emigrantes espanhóis e portugueses, que, a seguir, entre risos e lágrimas se espalharam pelo tombadilho assentando-se como puderam para tasquinharem de mau gosto aquela péssima comida... Provei-a, no fim de todos, como cumpria à minha qualidade de passageiro extraordinário... Já não havia senão caldo... uma água gordurosa e fétida, na qual um «parceiro» bem camarada pôs, com os dedos, duas batatas cozidas...

Que saúdes do quartel e do seu rancho!...

Ao escurecer passa-nos por bombordo um navio, que regressa a Lisboa, carregado de tropa de África. Que tema e que lugar aquele para reflexões que me empolgaram, ante o sol que se punha, o mar que chorava e Deus que me ouvia!

Pois foi assim que eu emigrei clandestina-

mente no ano da Graça de 1919 e não ia sósinho como os leitores vão saber.

As duas primeiras noites não foram cómodamente passadas. Dormi-nos no tombadilho de avante, tendo por abrigo uma velha manta rasgada, por colchão as chapas de ferro do pavimento, por travesseiro os ante-braços.

O quarto, sim... era amplo, bem arejado e com linda vista para o mar...

A meu lado, nas mesmas condições, mas com melhores agasalhos, dormiam três pessoas — dois homens e uma mulher — que me tinham apresentado como emigrados políticos, mas que eu soube mais tarde serem os autores de um assalto célebre a uma ourivesaria da Guia...

E, como estava bem instalado, em tão boa companhia... e sem graves preocupações para o dia seguinte, adormeci docemente embalado pelas vagas, ouvindo cantar ao longe, talvez no «deck» da popa, acompanhada à viola, a já esquecida canção:

*Ó rosa enxota o pinto,
enxota o pinto
p'r'á capoeira!...*

Ao amanhecer resolvi logo, com a eloquência irresistível de um «pounds» o problema da alimentação: — almôço e jantar fornecidos pela cosinha da 1.ª classe, às horas elegantes de bordo, e comidas à mesa, sobre toalha, no refeitório do pessoal.

Os problemas do vestuário interno e da hidroterapêutica indispensável a quem se lava todos os dias, é que se antolhavam difíceis de solucionar...

Mas... com paciência na espera e coragem no momento de acção ficam do nosso lado inúmeras probabilidades de êxito.

Durante os dois primeiros dias deu-me na vista um passageiro de 1.ª classe, rapaz novo, elegantemente vestido, que descia freqüentemente à 3.ª classe, creio eu que para vêr rebentar nas ondas na prôa do navio. Ao princípio, absorvido na leitura do *Cid* de Corneille, mal atentei nele, comentando a meu modo aquela demonstração de péssimo gosto. Mas ao terceiro dia, conhecendo, pela fala, que era português, atravessou-me a idéa de abordá-lo, ao menos para falar com alguém que soubesse conversar, que usasse roupa limpa, que se barbesse todos os dias...

Esqueirei-me para uma coberta e quando êle passou interpelei-o.

Assustou-se o rapaz e tinha de quê: — viu-me a barba inculta, a manta pelos ombros, o chapéu mole derrubado... Só não atentou o mau observador no livro encanado a vermelho e ouro que eu empunhava como um salvo-conduto de civilização.

Tranquilei-o e conversámos. Como era do Pôrto, onde meses antes fôra representada a minha peça *Nunálvares*, procurei saber se me conhecia de nome, qual a sua opinião a meu respeito. Achei um ambiente magnífico para a minha apresentação.

Uma hora depois, saía eu, a ocultas, de um banheiro da primeira classe; mudava de roupa e fazia a barba no camarote do meu impagável admirador, e hoje, meu amigo, como irmão; e era por êle apresentado a um seu companheiro de viagem, agora bacharel em matemática e outrora meu contemporâneo em S. Fiel.

Fôí a segunda e última vez, até hoje, que o teatro me concedeu vantagens.

Da primeira, por ter escrito a *Aljubarrota*, fui posto em liberdade pelo chefe da esquadra do Rossio, um bom homem, natural de Leiria, que me queria mandar para o Governo Civil por uma desinteligência com um dos seus subordinados. Da segunda fôí *Nunálvares* que me valeu em tão precárias circunstâncias higiênicas, proporcionando-me roupa branca, sabonete, «Gilette» e água encanada!...

Por fim o problema da cômoda instalação nocturna obteve uma solução admirável, deri-

vada logicamente das soluções anteriores: um «pound» ao «stewart» e passei a dormir no camarote dos meus novos amigos.

Em três dias não se podia fazer mais!...

Desde então a minha vida a bordo foi ao mesmo tempo encantadora e pitoresca. Eu e os meus companheiros vivíamos sempre na 2.ª classe onde nos julgavam, a todos, passageiros da 1.ª, pouco admiradores da língua e dos costumes ingleses, procurando, por isso, o convívio dos espanhóis.

Na 1.ª, onde eu dormia tranqüilamente defendido pela convivência do creado, julgavam-me passageiro da 2.ª. E às horas das refeições lá ia eu mansamente para o refeitório da prôa...

Um dia — tudo o que é bom acaba... — chegámos ao Rio de Janeiro.

Prometia dificuldades esta passagem do segundo Rubicon.

Discutia eu acaloradamente com o dansarino espanhol e um lavrador argentino sobre as vantagens e os inconvenientes do sistema parlamentar, quando o encarregado da 3.ª — o tal que tinha obrigação de pôr-me são e salvo em terra brasileira — me chamou, disfarçadamente, para uma conversa particular.

O caso era pior do que eu o imaginára. Supunha-se ocultar-me antes da entrada da policia a bordo e manter-me escondido durante a visita e até que êle conseguisse levar a bom termo as negociações necessárias ao meu seguro desembarque.

— E se a policia se opuzer? — perguntei eu, que sou amigo de situações claras.

— Será preciso enganar a policia. Mas... não é fácil!

— Pois se a policia não quizer, deixa o caso por minha conta.

E mentalmente, chegada a hora da acção, tracei um plano de fuga a nado, pela calada da noite, que lhe encantou pela aventura.

Não foi preciso. Conduzido pelo meu «engajador», entrei num acanhado compartimento de paredes de ferro, sem fresta por onde a luz entrasse. Ao fechar-se-me sobre as costas a pesada porta da entrada, ouvi uma voz sibilante cortando a treva:

— Mais outro?!...

Calculei que fôsse alguns dos meus «consócios» das primeiras noites da prôa... Tentei um passo para a frente e senti sob os meus pés umas tairocas, surpreendidas com o meu involuntário ataque e de encontro ao meu rosto o de alguém que vociferava mordido pela dôr.

— C'um raio de diabos! Olhe que m'arrinca os pézes! Não há cá lugar p'ra uma pulga quanto mais p'ra um home!

— Ó velhinho, desculpa! cuidei que eram cebolas! — respondi eu, lembrando-me do caso daquele sujeito distraido que cuspira nas azeitonas.

Um «chiu» enérgico relampejou naquela impenetrável escuridão.

Para encurtar razões: — naquele entaipado esconso, que servia de dispensa à 3.ª classe e cuja porta fôra exteriormente mascarada com um pesado armário de loiças e garrafas, encontravam-se privados de ar e de luz, empilhados em posição vertical entre barris de vinho, latas de vinho, latas de azeite, résteas de alhos, presuntos e sacas de batatas, desasseis pessoas... desasseis clandestinos... Como se fôsem desasseis bacalhãos secos à espera de consumo!

E sairíamos já cosidos, não tenha os leitores dúvida!...

O ar irrespirável, a temperatura elevadíssima, a tensão nervosa provocada pela ignorância do que se passava lá fora, o silêncio imprescindível para não sermos descobertos, irritou de tal maneira os ânimos que por duas vezes houve luta — uma silenciosa e dramática luta, causada talvez por ciumentas suspeitas pois havia

duas mulheres naquela prisão — luta em que, não sei por que misterioso dom, se trocaram socos e pontapés contraditando a lei da impenetrabilidade da matéria, sem expansões verbais da cólera, sem desequilíbrio dos «objectos expostos», isto é: com uma «ordem», um silêncio, uma discreção verdadeiramente admiráveis!...

Durou êste martírio duas horas!

Ao cabo... abriu-se a porta... e entrou a luz e o ar por onde saíram desasseis vultos que deviam parecer de ébrios ou de loucos...

A cada um dêles o encarregado da 3.ª classe distribuía, triunfante, um papel dobrado a cuja apresentação ao portaló se curvavam tôdas as cabeças, se desfariam tôdas as resistências, como diante de um verdadeiro, um autêntico passaporte diplomático!...

Minutos depois verifiquei a legitimidade daqueles encarecimentos.

O funcionário da fiscalização sorria-me como velho conhecido, sem querer verificar o papel dobrado que eu sobranceiramente lhe apresentava e eu punha enfim os pés na bela cidade de Mem de Sá!...

Eu... e os três ladrões da Guia... e um casa beirão de aspecto suspeito... e mais dez latagões que fugiam «às sortes», trocando o certo pelo duvidoso, escapulindo-se à formação disciplinar do quartel para mergulharem no perigoso pandemônio da grande capital Federal!...

O falso passaporte, fornecido por um funcionário da policia, era um banal impresso aduaneiro.

Foi assim que eu desembarquei no Rio de Janeiro pela primeira vez.

Nem as estatísticas portuguesas nem as brasileiras deram noticia daquela emigração de 16 pessoas.

Era assim há dez anos.

RUI CHIANCA.



Pescadores portugueses do Rio de Janeiro



LEMBRANDO UM POETA

ALVES MARTINS E A SUA FISIONOMIA LITERARIA

Foi neste mês, em Fevereiro do ano passado, que o Alves Martins morreu, com trinta e três ou trinta e quatro anos de idade. A mesma, pouco mais ou menos, em que tinham morrido Soares de Passos, Cesário Verde, António Nobre, vitimados pela mesma doença que o levou também a êle!

Acabo de reler algumas das suas melhores poesias, e a emoção que elas me comunicaram — que ficou viva e fresca dentro delas, como na hora em que foram escritas — fez reverdecer no meu coração de amigo a minha tristeza e a minha saudade... E tantas recordações adormecidas iam acordando, levantavam vóo, obrigando-me, para segui-las um instante, a interromper a leitura!... Umas, vindas de mais longe, dos nossos tempos de Coimbra, — que ora me parecem tão remotas e estranhas como se outrem as tivesse vivido, e não eu, — ora tão íntimas e próximas que me enternecem como se fôsse actualis... A tal ponto a vida nos transforma, e a tal ponto permanecemos idênticos! Outras, muito recentes, datam das últimas conversas que tivemos — em Lisboa e no Sanatório da Guarda, onde fui vê-lo — dos últimos passeios que demos, das últimas cartas que trocámos... Mas, quer nas de há pouco mais dum ano, quer nas de há quinze, encontro sempre a mesma aspiração e o mesmo culto a presidir à nossa amizade, a estreitar a nossa intimidade: a aspiração da Beleza e o culto da Poesia. Isto dava maior força ao afecto que nos ligava, e imprimiu-lhe um caracter espiritual, quasi religioso, superior às nossas fraquezas e imperfeições.

Com temperamentos, maneiras de sentir a vida, e de a transfundir na arte, bastante diversas, procurámos sempre, com inteira lealdade e comprehensiva simpatia, ir ao encontro um do outro, estimando-nos no melhor das nossas diferenças pessoais, sem que nenhum deixasse de ser fiel a si próprio.

Mas reparo que desejando apenas falar de Alves Martins, tenho falado também de mim. Como evitá-lo, dada a nossa tão longa intimidade, e visto que, antes de me referir à obra, quis primeiro dizer algumas palavras sobre o seu autor, sobre o homem, enquanto poeta e camarada, e sobre o grande amor com que êle amou a Poesia?

Amor que conservou vivo até à última hora, o que equivale a dizer que alimentou sempre acêsa a aspiração ideal, que se esforçou até à morte por uma vida mais nobre, perfeita e harmoniosa.

Porque a Poesia (emprego aqui a palavra no seu significado mais lato), exige um esforço constante de espiritualização e generoso desinteresse, esforço em contrário ao pendor natural do homem para a vida animal e inferior. Ora êle não pode nunca dispensá-la, assim como não podia dispensar o pão do corpo, o que constituiria por si só uma prova altamente significativa da nobreza da sua alma. Prova de certo escusada,

pois deixou outra mais completa e convincente no sentido e na beleza dos seus versos. Parto do princípio que a obra dum poeta ou dum escritor reflete o que nele existe de mais essencial e de mais vivo, acima das efêmeras contingências. Além de que uma das características mais salientes da pequena obra de Alves Martins — que o Destino tão cedo interrompeu, quando do seu talento tanto havia a esperar ainda — é sem dúvida a sinceridade. Nada de postigos ou de forçadas extravagâncias nos seus versos. Quando muito, algumas vezes, um certo exagero no tom do sentimento, um deixar-se levar no ímpeto verbal, até à enfase, um pouco além da emoção a traduzir. Mas ainda então era sincero, obediência à sua índole de simples, de intuitivo, enlevando-se na música das palavras, sem reparar que elas ultrapassavam já a medida do verdadeiro ou do verosímil. Isso, porém, raras vezes acontecia.

Através dos quatro livros que deixou, podemos traçar sem dificuldade a linha esquemática da sua evolução espiritual.

Em «Anunciação», que foi a sua estreia em livraria, o poeta revela-se já nitidamente, com as qualidades que o caracterizam: como um puro e simples emotivo, mais propenso a reflectir a superficie ensoalhada das paisagens e dos sentimentos, ou o seu perfume diluído e vago, do que a surpreender e a traduzir as subtilezas complexidades do espirito ou os dramas recônditos da alma.

Assim o seu estilo, adequado à função que desempenha, distingue-se antes pela límpida correnteza e a singela musicalidade, do que pela agudeza penetrante, a precisão vigorosa, ou a capacidade para sugerir mistério. Mas em «Anunciação», posto que o domínio da técnica seja já notável, o poeta hesita entre influências diversas.

É o mais exterior e o menos pessoal dos seus livros, o que se compreende bem, pois foi o primeiro escrito. No entanto, nele se nos depara uma das mais altas composições do poeta — «Sonho duma manhã» — tocada do encanto e da espiritualidade do melhor João de Deus.

Vieio depois a «Mulher de Benção». O poeta amou, conheceu os entusiasmos, as efusões, as alegrias do amor, e um pouco também das suas inquietações e das suas torturas.

E de tudo isto nasceu êsse segundo livro, a que êle quis dar o andamento e a unidade dum poema, e que é, no geral, mais «vívido» que o primeiro. Nele se contem algumas das poesias mais belas de Alves Martins, como «Canção Peregrina», um ou outro soneto, e, sobretudo, a poesia que intitulou «No Balcão» — cântico admirável onde há três ou quatro estâncias que traduzem com intensidade o eterno drama das individualidades no amor, o seu impossível anseio de fusão; e em que «o lirismo de Alves Martins, excedendo-se, sem sair a bem dizer da feição que lhe é própria, mergulha raizes nas entranhas profundas da Vida» — como escrevi noutra ocasião a respeito desta poesia.

O Amor tinha entremostrado ao poeta o religioso sentido da vida. Faltava-lhe o conhecimento mais íntimo da Dôr. Esta não se fêz esperar muito, nas agruras da luta pelo pão quotidiano, no angustioso conflito entre as aspirações ideais da Poesia e as imperiosas exigências do corpo, numa sociedade em que tôdas as facilidades e vantagens são asseguradas, não aos mais nobres, mas aos espertalhões e acomodaticios. Esse conflito encontrou expressão em certas composições da «Fogueira Eterna», a começar pela primeira que deu o título ao livro, o mais inquieto e atormentado dos quatro que publicou.

Das poesias que o compõem, várias figuram entre as melhores de Alves Martins, designadamente a citada «Fogueira Eterna», «O meu instinto», certos sonetos da série «Silva escura», sobretudo aquele que começa — «Horas serenas de melancolia...» — e o soneto final «Resgate».

As preocupações metafísicas aparecem pela primeira vez na sua obra. Ante o mistério do Universo e do doloroso enigma da sua alma, o poeta interroga-se. Procura Deus, e procura também um credo definido que lhe sirva de arrimo e de refúgio, e orienta-se na direcção da ortodoxia católica, a que mais tarde se acolheu.

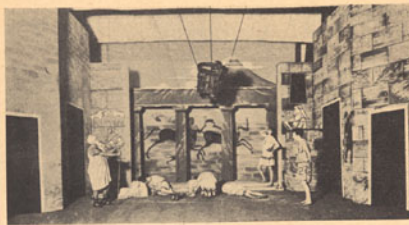
O último livro que publicou — «S. Francisco de Assis» — é já dum ortodoxo. Transposição em sonetinhos da vida e da lenda do divino Poverelo (feita principalmente através de «Fioretti»), êsse livro é de certo o mais igual dos quatro, mas nele o poder de criação poética não se eleva nunca, em meu juízo, às alturas atingidas em certas das composições que atrás citei e contam entre as melhores da poesia portuguesa dos últimos tempos.

Pouco antes de morrer, Alves Martins trabalhava com ardor na «Lança de S. Miguel», livro também de inspiração religiosa e católica, que já anunciara e devia ter bastante adiantado. Falou-me dêle repetidas vezes em cartas. Contava tê-lo pronto dentro de breves meses, e convidava-me a ir passar uns dias a Viseu para me fazer a sua leitura. Cruel, o Destino não deixou que o concluísse. Bom seria que se exumasse de entre os seus papéis a parte que chegou a realizar, e se lhe desse a devida publicidade. Não a conheço, mas estou convencido que deve conter primores. Justo seria também que se reunissem num pequeno volume as melhores das suas poesias, facilitando assim a leitura delas, de forma a tornar o poeta conhecido e admirado dum público mais vasto, como merece.

¿Mas quando virá isso a fazer-se, dada a proverbial indiferença portuguesa, e as dificuldades que entre nós costumam levantar-se diante dos mais simples e justos empreendimentos literários, sempre que a ganância os não toma à sua conta?

Alverca da Beira — Fevereiro de 1930.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



Um sistema de Aristóteles, declamado em grupo no teatro de estudo

O pensador mais sereno, e o democrata apaixonado dos nossos tempos que se chama H. C. Wells, procura convencer o mundo de que a vida tem imprevisões que deslocam eventualmente o homem da sua aparente missão moral e psíquica conservando porém, no seu interior a mais perfeita ordem lógica de uma evolução natural.

Diz a grande filósofo Wells que temos de reavaliar o fundo da democracia moderna, que é a atitude social dos nossos tempos, com razão e com amor, até à sua repercussão nos domínios da arte pura.

O teatro é o ramo da actividade artística, onde as vibrações mentais alcançam o mais alto grau da sua sonoridade. Contudo, não se pode dizer que a mal interpretada democracia, tenha conseguido materializar a arte dramática, transplantando-a do campo da espiritualidade dos canones, para as violentas objectivas da vida real.

Em volta do actual teatro europeu, existe um certo ambiente de indiferença, um verdadeiro conflito entre a seriedade dos velhos e a novidade dos novos. Mas que importa isto ao verdadeiro escritor dramático que por profeta e pela inteligência, sabe realizar o bom teatro?

A dramaturgia de hoje exige para os seus escritores, a dupla qualidade de ser poeta e

filósofo ao mesmo tempo, e só aquele que é dotado dessa vivacidade da nossa época é que pode em condições de conceber uma obra completa. E porque não dizemos também que o teatro agora e sempre, é e será, o jogo



Um grupo de actores de uma escola de teatro de Friburgo em uma encenação clássica

estatal de uma consciência pura, cuja função consiste em copiar a vida numa linguagem literária, criticando um estado social e afirmando a sua mentalidade para uma existência melhor?

A literatura dramática pode ser considerada antes como um sacerdócio dos predilectos, do que um officio do pensamento in-

A DECADENCIA DO TEATRO MODERNO É O PRELUDIO DA SUA TRANSFIGURAÇÃO

dividual, o que justifica nesse difícil ramo da literatura as mais lamentáveis quebras dos consagrados e os mais impudicos rictus, tão típicos da vida intelectual.

Mas quem consegue instalar-se numa vez no encantado atelier da dramaturgia, pelo próprio movimento, do acúmulo da elevação espiritual terá de observar o mundo, e examinar o exarato humano, onde a vaga sombra dos estereótipos faz aflorar todos os sentimentos que compõem a alma do homem: quasi algas filamentosas entrelaçadas na verde onda do mar alto. E o pintor artista, embevecido naquela paisagem de li-

vidual, o que justifica nesse difícil ramo da literatura as mais lamentáveis quebras dos consagrados e os mais impudicos rictus, tão típicos da vida intelectual.

terro e religião são uma e única coisa. É este o recanto sagrado onde o divino se humaniza e o humano se diviniza. A virtude e o vício são os extremos da mesma recta. A ingénuo e a larca, a comédia e o drama, são a mesma forma de fludar sobre a vida. E ao faltará à arte dramática para ser o mestre que emana e profeta que advoca?

A amplitude do teatro tem o carácter da li e a singular emotiva que converte o coração de um homem em coração de outro. E tão grande o poder do escritor dramático, e tão profunda é a sua influência na obedição dos seus, que está nas suas mãos o poder de



Um sistema de Aristóteles, declamado em grupo no teatro de estudo



Um sistema de Aristóteles, declamado em grupo no teatro de estudo

motar os diversos matizes finitos de uma religião, combater as culturas e extrinsecamente as suas diversas épocas históricas, compoza a esteira dos seus grandes séculos com as intermitências e alusões da factura movável.

Não há dúvida que o teatro actual em Itália e Europa, atravessa uma crise de decadência. Não podemos negar também que o teatro acaba de reflectir em si a multidão inferna, mas é interessante pela qualidade mais gostosa pela quantidade que corresponde ao gosto do século universal.

Poder-se-á supôr talvez que o teatro democratizado para fotografar unicamente o realismo da vida.

O vândulo, a zambado, o do género alegre e picante, a revista, etc., tudo o que seja burocrático, esportivo, útil de se compreender por superficial, no teatro se repete, com a maior ou menor mesquinhez da

aguardar à inteligência ociosa e inculta de um certo público d'apologos.

É raro encontrar-se a popularidade no teatro de hoje, sem o truísmo cenário de uma graça que sem tem o encanto da poesia natural nem o refinamento nem a elegância, mas tendo aquilo que esse público exige, e a ausência das lídãs e a apoteose impossível da vida.

Aquilo que hoje se representa não é teatro, dizem os que pensam a sério. Outros, os pessimistas extremos, que arriscam a respeito de tudo as adições e atrevidas considerações, acham que o teatro está semi-morto e amaldiçoado o seu próximo fim. O encanto na vida da produção dos críticos encontra-se uma limitada parcela de homens prudentes, que com boa trabalho, para dar ao mundo a esperança consciente, como a melhor base de

Temos pois que se distinguem na multidão não da qualidade daspele grande presunção da sociedade democrática de quem falta no princípio da arte.

O espírito cámbio do teatro, abandonado por momentos, as ideias do governo, dai a época da vida. Mas enquanto a folia do desmancha, utana e rebelde desce pela vertente da montanha, o subconsciente que prevalece em todas trases e tumultos da consciência ascendendo na vitória banal da intelectualidade incapaz, trabalha no novo modo das invocações dramáticas. E quando fosse mude de siro, redizir pronto, a ponte mágica, lançando-a, para, sem descer ao vale, passarmos a montanha, mais alto, enquanto que a vulgaridade que de adaptação em adaptação veio até ao excoo vale, terá de bendizer o sol que surge.

A democracia como uma fase social da vida, necessitava de uma literatura teatral, e o próprio espirito selcho da cultura, sem desviar das suas libérrimas mais representativas, deu o seu aceno discreto.

Acham por isso os entendidos, que nem os trágicos gregos, nem Aristóteles, Shakespear, nem Racine, nem Molière, nem Gil Vicente, nem Calderón, nem Schiller, nem Goethe, podem fazer no cartaz europeu de hoje, a não ser nos teatros subconscientes pelo estado em que alguns Mecenas profetor

Mas se de um lado, são excluídos os autores antigos, doutro lado não se nota menor repulsa, pelas produções modernas, exactamente aquelas que são consideradas as melhores.

Pode dizer-se assim que a Europa chegou ao apogeu da sua laboração mental, a mais estéril de todos os tempos. Porque Ibsen, Strindberg, D'Annunzio, Maeterlink, Bernard Shaw, sendo o ornamento da galeria do pensamento moderno, são eles os únicos incompreendidos dos nossos dias.

* * *

Depois desta ligeiríssima análise sobre a vida do teatro de hoje, é necessário não confundirmos o ideal aristocrático da arte, com o ideal nivelador da democracia. Se esta é a justiça, aquele é belêsa com todos os remates da emoção.

Tôda a grandeza da Grécia proveio da sua tragédia magnífica. Na Grécia a arte teatral era a pertença do povo, mas é necessário que saibamos, que tôda ela estava ligada à religião e à política, dois suportes poderosos do seu equilíbrio estável, e, enquanto a obra de Esquilo e Sofocles se compunha de autênticos officios divinos, as comédias de Aristófanes pareciam-se muito com os nossos meetings políticos.



Na Rússia soviética. — Uma scena no Teatro de Moscúvia

* * *

O grande teatro floresceu em todos os lugares da terra, sendo porventura a Asia, o seu berço sagrado e a India, com os poemas Vikrama-Ouvasy, o arauto de uma fulgente era dramática em todo o mundo.

Na Europa houve o teatro de Florença, o teatro Vicentino, o teatro de Madrid, o teatro da sociedade inglesa isabelina, o teatro de Versailles e o teatro de Weimar, e sabe o leitor qual foi a feição comum, e a sua ca-

racterística única que irmanou estes teatros da Europa? O de serem flores de estufa medradas num ambiente cerradíssimo e artificial.

Assim pondo de parte a tragédia grega, o teatro universalista da Asia, fica acima de qualquer das épocas da literatura dramática, porque o teatro asiático, desde as épocas mais remotas até hoje, é animado e subjectivo, conceituoso e filosófico para demonstrar o unitarismo sociológico da natureza humana o que satisfaz as tendências do socialismo da Europa moderna.

Daf as nortadas ideológicas que sopram na Europa fazendo variar, com uma inconsciência incrível, as pressões atmosféricas.

Na França, na Alemanha, na Inglaterra e na Itália fizeram-se várias tentativas no sentido da criação do teatro moderno e embora não tenham até aqui concluído o *processus* desse teatro novo, proclama-se no entanto aos quatro ventos a aristocracia do espirito para, como reparação dos danos que a verdadeira democracia tem sofrido, entrar na sua composição. E esta fórmula de princípios é semelhante a atitudes dos escritores do século XVIII que realizaram os esponsais revolucionários entre a democracia da sociedade e a aristocracia do espirito.

Lisboa, 1930.

EUCARISTINO DE MENDONÇA.



No teatro soviético de Moscúvia para crianças — Grupo de actores com mascarões, à maneira grega, representando figuras execradas do velho regime

O NEGRO QUE TEM ALMA BRANCA

A ODISSEIA, OS AMORES E A ARTE DE

HARRY FLEMMING

O REI DO "CHARLESTON,"

ENTREVISTA FEITA POR REINALDO FERREIRA



Um ensaio de conjunto

«...—Halina! Halina! Kent der zeitung photo? Guy, camchere, if you please... Vamos, Paco... donde esta tu mujer? Ecoutez, Pierre... Ces messieurs vont nous photographier... Merkys Goodwiler, Halina? Voyons... Vite! Et ta socur? Tenha paciência, um minuto apenas. Esta gente fica maluca quando lhes tiram o retrato... Helen... What? It is a newspaperman... Je l'enprie, Jean... Il faut pas des chiqués... Tu est assez beau, comme ça...

«Agrada-lhe assim, este grupo, surpreendido em pleno ensaio? Como? Oh! não! Não sou português. Nem brasileiro. É até a primeira vez que venho a Portugal. Tem graça que no Rio de Janeiro, onde trabalhei há dois anos, me disseram o mesmo... Vários colegas seus, com quem conversei, julgavam-me, pelo menos, descendente de portugueses. De facto, tôda a gente diz que eu falo o vosso idioma como se fôsse minha língua maternal. Mas não... Sou americano, filho de americanos. Nasci em New York. De New York era meu pai, e de Florida, minha mãe...

«Não julgue, porém, que eu só consegui esta relativa perfeição falando o português, conheço doze idiomas — em dez, pelo menos, iludo os naturais, que me tomam por compatriota. O francês, o alemão, o dinamarquês, o polaco, o russo, o holandês, o espanhol, o românico, o italiano — e... o português. Sem

contar com o inglês — que é a minha língua. O turco e o grego — leio, entendo, faço-me entender — mas não dominei ainda o meu aparelho vocal até à maleabilidade de os pro-



Cooke and Ellington, bailarinos modernos, acrobáticos

nunciar, com tôdas as subtilezas — com aquelas nuances que são o segrêdo maçônico-institutivo que liga o homem ao idioma que fala desde sempre. É o mais difícil na aprendizagem de uma língua. O resto — é questão de memória e de gymnástica mental. Basta decorar vocábulos, construir dentro do espírito uma espécie de maquinaria, que é a sintaxe, pela qual passam os vocábulos, se agrupam, se destroem e saem pelos lábios aumentados, segundo as leis gramaticais...

«Tenho uma verdadeira paixão pelos idiomas estrangeiros. Sou um poliglota de alma. Colecciono idiomas, como outros colecionam



Estudando novos bailados

sêlos ou borboletas. É uma expressão ber-rante e saborosa de cosmopolitismo. Eu sou, antes de mais nada, um cosmopolita. Não tome esta palavra no seu sentido frívolo e pe-dante — mas sim na sua maior largueza artís-tica e social... E tanto assim, que a minha *troupe* é um reflexo dessa obsessão de inter-nacionalismo. Os meus colaboradores são americanos, ingleses, russos, franceses... A maioria das minhas *girls* são vienenses; Ha-lina Dorsowna é polaca... Uma verdadeira torre de Babel...

«Halina! Was? Lon erst goerst? Ia... Pierre... Appelez vous les girls pour faire les photos... Alto... boon...»

* * *

Harry Flemming afasta-se, gesticulando e fazendo ressoar o seu vozeirão de chefe pelo imenso vácuo do Coliseu. Sento-me num *fauteuil* e, semi-cerrando as pálpebras, tento silhuetar, dum só traço, a figura do afamado artista negro... Se Flemming me pasmou, com

a exibição, em grande parada, das suas magnificências espirituais e intelectuais; se me aturdira com a elegância e solene eloquência da sua palestra e com a impressionante facilidade com que floreteara o diálogo no meu próprio idioma — o seu físico, as suas atitudes, o seu aprumo, o bom gosto do seu vestuário não eram de molde a deixarem-me indiferente.

Flemming é um *dandy* — mas um *dandy* de Regent Street, sem catitismo, sem janotismo, sem pinoquismo. A sua elegância, materialização fiel do seu espírito, é feita de *juste mesure*, de mil distinções subtis, reunidas e exteriorizadas num à vontade igual com que exteriorisa a côr estigmatizante da sua epiderme. O triângulo do busto, que o *paletot* azul raiaado de branco acompanha cingindo uma cintura fina de atleta; as linhas verticais das calças sem uma ruga; a harmonia do chapéu alvadio, ligeiramente tombado sobre a direita; a geometria dos seus braços que se movem *au ralenti*, erguendo-se e formando ângulos mui cuidados, nos vastos gestos com que ilustra as suas palavras; a fir-

meza com que marca os passos, esticando a biqueira dos sapatos, e sem vergar jámais a espinha dorsal — recordaram-me um dos dogmas do perfeito *gentleman*, decretados por Brunel e rectificados por Oscar Wilde, segundo os quais o verdadeiro homem *chic* distingue-se dos *chics* artificiais, atravessando a artéria mais pomposa de uma grande cidade, à hora do *rendez-vous* total das elegâncias, sem que ninguém o note. Conseguir ser notado à força de pavonear uma elegância desapercebida — eis o paradoxal segrêdo dos autênticos *gentlemen*; e eis o segrêdo da elegância de Flemming. O tom negro da cutis de preto puro, de preto sem mixórdias mestiças, brilha sem aquele envernizado gorduroso dos outros negros. As suas feições têm um recorte fino, seguindo o triangulismo do conjunto. Se tivessem pinçado da clientela dos Palaces o mais diáfano e louro dos brancos, sujeitando-o a seguir a uma tintagem de *ripolin* negro — o *gentleman* europeu não ficaria, após o baulho, mais elegante do que Flem-ming...

...Os cristais da cúpula ducham uma poeira branca e espessa, como uma cascata de pó de arroz, enfarinhando todos os que nos encontramos cá em baixo. A luz auroral do ambiente empastela um pouco os rostos e os corpos. Na pista, cercada pelo estôfo de veludo grenat, que lembra um imenso *puding* de crême tracejado com compota de morango, tôda a companhia repete um ensaio. As *girls*, corpos modelares, calções minguaados de bebê, camisolas de colegiais, pernas de Vênus adolescentes, braços serpentinos, cabeleiras fulvas, cabeleiras de azeviche, tôda uma *vitrine* de joalheiros num frizo de olhos preciosos, esmeraldas, turquezas, safiras, onix, bailam ao ritmo do berreiro escandaloso do mestre e dos compassos do piano. A simultaneidade dos seus movimentos dá a impressão de *marionettes*, cujos cordeis se unissem nos mesmos dedos do *titeriteiro*. As pernas erguem-se, formam ângulos rectos, estendem-se, encolhem-se, rodopiam, formam gatarujas, desarticulam-se, desenroscam-se, chegam quasi a desprender-se do corpo e parecem prestes a caírem no chão, decepadas por uma invisível lâmina que dum só golpe as cortasse a tôdas...

A um canto um par de baiarinos russos exercita-se... Ele — o pedestal; ela o boneco voador. Há momentos que nos afligem, que nos indignam — tais as proporções de violência e de brutalidade toma o bailado. Ele atira-a ao ar, enclavinha a garra num tornozelo, sacode-a, agita-a como se empunhasse um látigo e chicoteasse um inimigo... Noutro extremo dois *clowns*, mui graves, combinam as graças para o espectáculo da noite. Ao meu lado, um negro amulatado, aspecto doutoral, óculos de aro de tartaruga, sobretudo de peles, lê atentamente o *Times*. Chama-me a atenção a sua seriedade. Pergunto quem é:

— É o *jazz-bandista*, o homem que matraqueia e batuca mil instrumentos e solta guinchos de antropófago...

Rebrilha um clarão emplumado em fumo. Está feita a primeira fotografia. Flemming regressa ao seu lugar — e recomeça a entre-vista.

* * *



Harry Flemming

— O senhor costuma ler as revistas espanholas? Conhece esta? *La Actualidad*. Como

vê publicaram na capa o meu retrato com o escritor cubano Alberto Insua. Tem um significado literário este grupo. É que Alberto Insua é autor dum romance intitulado «El negro que tenía el alma blanca». Li-o em Paris — e não descansei enquanto não conheci pessoalmente o autor da obra. Quando me contemplo ao espelho não me sinto tão fielmente reproduzido como quando li esse livro e acompanhei todo o drama íntimo do protagonista — o negro que tinha alma branca... De todas as formas não estou de acordo com o sr. Insua no que se refere à piedade com que encara o problema dos negros. A piedade obriga-nos à gratidão — mas é um sentimento humilhante e injusto. Nós não merecemos piedade. Somos homens como os outros; triunfamos em todos os campos em que se degladie pela força ou pela inteligência. Se até a este século sofremos uma situação quasi de irracionais, tão pouco merecemos que nos lamentem porque a culpa é nossa. E tanto que é nossa a culpa que, bastou reagirmos, bastou lutarmos, bastou que nos impuzessemos para nos nivelarmos aos outros seres humanos.

«Como? Que na América somos ainda perseguidos? De facto... Em certos Estados odeiam-nos. Odeiam-nos porque demonstramos a nossa superioridade... Portanto são eles que merecem piedade, porque são invejosos — e não nós. Cometem por vezes crimes cruéis, lincham-nos, bezuntam-nos de petróleo, fazem verdadeiras montarias... Os jornais exageram — e essas *catástrofes* (?) são cada vez menos frequentes. De todas as formas — continuam a ser os outros e não nós, os que precisam da piedade mundial, porque os mártires estão sempre num plano superior aos tiranos, aos cruéis e aos assassinos...

«Mas mesmo nos Estados Unidos — nós estamos ganhando terreno... Sabe o senhor quantos médicos e advogados negros existem na América do Norte? Cento e doze mil! É entre os 50.000 milionários de destaque — 11.000 são negros. Na arte, na literatura, no teatro, na música, nas sciências — em todos os campos de actividade intelectual os negros não ficam apoucados ao lado dos americanos brancos.

«Ah! Esquecia-me que estou roubando o seu tempo e que cupo agora um papel de entrevistado e não de propagandista da minha raça. Há quantos anos trabalho? Vai admirar-se pela certa: há vinte. Pergunta naturalmente quantos anos tenho, na suspeita que a aparência o iluda e que eu seja muito mais velho do que aparento. Não se ilude, não. Fiz 28 há poucos dias. É que comeci a minha carreira de artista aos 8 anos... Mas eu conto...

«Meu pai era romancista e ocupava um lugar de destaque nas associações negras de New York. O seu princípio de combate era o de que a nossa raça só podia triunfar pela sabedoria e pela educação. Metódico até ao excesso traçara um plano de vida, como quem desenha um projecto architectónico. Segundo esse projecto eu devia ser educado à europeia e na Europa, ter um curso superior e só depois de formado regressaria à América para poder medir melhor o contraste entre os dois ambientes e entre o modo com que nós, os negros, somos encarados nos dois continentes. Dêsse contraste esperava meu pai que eu tirasse conclusões extremamente úteis para a nossa causa.

«Parti para a Alemanha, com sete anos — acompanhado por um professor branco, grande amigo de meu pai e a quem eu ia confiado em absoluto. Essa viagem e todo o plano de meu pai a meu respeito representava uma despesa enorme — e um doloroso sacrificio. Para o conseguir seria obrigado a duplicar quasi as suas horas de trabalho... Desembarquei em Berlim e...»

Calou-se Flemming. Havia já uns momentos que os seus olhos se agitavam, inquietos, nas orbitas, como bolas de bilhar... Pediu-me mil perdões, ergueu-se; andou de grupo em grupo e ouvi vagamente pronunciar o nome Halina... Desapareceu e voltou depois, mal contendo o seu nervosismo. Prosseguiu:

«— Estava eu havia seis meses na Alemanha quando recebi a noticia da morte de meu pai e de minha mãe. Mais trágica não podia ser a minha entrada na vida. Um esfacelamento derrubara em poucas semanas o pobre velho, que não conseguia ver realizado o

grande sonho da sua vida; e quando os primeiros amigos entraram em minha casa a dar os pesames — encontraram minha pobre mãe estendida de borco ao lado do cadáver de meu pai... Aquele coração que toda a existência latejara em ritmo com o do marido — não podia continuar a trabalhar depois do outro parar para sempre. Eu tinha sete anos e a morte de minha mãe, mais do que a de meu pai, pesou no meu espírito como pesa hoje — e valorizado pela mesma grandeza. Tinha sete anos quando compreendi que os negros sabem amar como os brancos — porque sabem morrer, quando amam...

«O meu tutor pouco caso fez de mim. Não tendo já a quem prestar contas do pecúlio que recebera para os primeiros anos da minha educação, achou por bem retirar-me do colégio, confiar-me ao sr. Hugger, director então do Scala e sumir-se da minha vista. Só uma vez, quinze anos depois, o topei de novo. Foi em Copenhague... Apareceu no meu camarim num estado tão miserável que o



Halina Dorsowna



Os bailarinos Moon et Guy

todos os sentimentos, embelezando o feísimo e improvisando uma literatura gráfica e febril. Percorri todos os Estados. Até hoje tenho dançado em mais de 400 teatros dos dois continentes.

«Estava indicado o grande baptismo de tódas as carreiras: Paris. Ah! Paris! De Paris guardo eu não só as melhores recordações de artista como até de homem...»

Flemming aproxima-se mais de mim, como quem se prepara a confidenciar-se e teme que o escutem. Palpita nas suas palavras um estranho e paradoxal orgulho — um orgulho que em vez de o alegrar o entristeasse e o amargurasse. Desfia então um rosário de conquistas; mulheres morenas, damas mui loiras e brancas que o namoram das frizas; um correio cotidiano de dezenas de cartas perfumadas; conquistas famosas com as mais cubiçadas e esquivas parisienses, com as amantes de banqueiros, com fidalgas da nova e velha aristocracia, com genuínas princesas russas que se lhe entregavam furiosamente e a quem o negror da sua pele e a sua mocidade viril, elegante, helénica, fazia delirar

numa loucura voluptuosa... Eram tantas... tantas, que Flemming se permitia o luxo de desprezar a grande maioria, seleccionando apenas aquelas que mais lhe apeteciam... E a meio dessa confidência surge entre nós uma dama mui louca e branca. Os seus olhos dum azul estranho parecem de porcelana. O seu rosto lácteo tem uma transparência impressionante. É a beleza em grande estilo; a beleza fantasia; a beleza como só se costuma encontrar nas capas das revistas. Flemming escancara muito os seus olhos infantis e exclama: «Halina!» Este nome, o nome da bailarina polaca, estrêla da companhia, sai-lhe dos lábios num tremor, como um soluço. Ela responde-lhe em polaco, num tom agreste, hostil, de desprezo e de repugnância; e depois de um arremesso, afasta-se, rápida e triunfal. Ele murmura ainda, um baixinho «Halina» — mas não tem coragem de a seguir. Julgo ver duas lágrimas nos seus olhos-bolas de bilhar. Recordo o Preto do Charleston de Mário Domingues. Tantas mulheres desprezou Flemming em Paris; e quem sabe se a única que êle ama é a que o despreza...

porteiro do palco hesitou em dar-lhe passagem... Não o reconheci logo Choramíngou mil desgraças, confessou que se estava exercitando para imitar o Lord Mayor de Cork, visto que há mais de cinco dias que não se alimentava — e pediu-me umas coróas emprestadas. Abri a carteira e entregando-lhe uma nota de cinquenta disse-lhe:

«Com êste dinheiro fica V. devendo-me mil e quinhentos dollars.

«— ?

«Não se lembra que também me pediu emprestado mil quatrocentos e cinquenta dollars, em Berlim, quando morreram meus pais?

«O homem enfiou e não teve coragem para se atravessar de novo no meu caminho.

«Mas... regressemos à minha infância. Tive a sorte do sr. Hugger ser uma boa alma e se me afeiçoar. Entregou-me aos cuidados dum velho professor de dança, a quem devo a revelação da minha própria arte — e aos 8 anos e dois meses estreava-me no palco do Seala em número isolado. Agradei. Achavam-me graça. E assim vivi, fofamente — até aos treze anos. Hugger suicidou-se após a falência provocada pela própria mulher — ah! as mulheres, meu caro senhor, as mulheres! — e recommeci eu a navegar à tóa, sem rumo certo, no mar alto da vida, hoje explorado por este empresário; amanhã burlado por aquele chefe de troupe; depois desempregado; depois vinha bafejado por esperanças de boa sorte... Assim me arrastei até aos 16 anos — idade em que consegui realizar a minha maior ambição: voltar à pátria. E em boa hora o fiz porque... Quere perdoar-me... É só um minuto...

«...Ecoutez, Pierre... Tu n'as pas vu Halina? Non? Dá-me licença? Venho já... Halina! Halina!

«...Desculpe-me... Como? Sim... Estou muito constipado... Não tem importância. Dizia eu que... Ah! A minha estreia em New York constituiu um verdadeiro êxito. Os críticos mais severos afirmavam que eu fizera da dança moderna uma nova arte, criando um novo estilo, conseguindo da aritmia do jazz harmonias clássicas, uma nova expressão de



Reinaldo Ferreira e os seus filhos com Halina Dorsowna e Harry Flemming

ARTE ESPANHOLA

A EXPOSIÇÃO DOS INDEPENDENTES NA SALA DO "HERALDO DE MADRID"

dos avós, e acalentam sempre nos olhos assomos de evocação perdurável...

Mas, quando este gesto espontâneo e claro se turva e converte em ratice de gente batida nas encruzilhadas do mundo, que sabe sugar-lhe o proveito e mostra perícia em esquivar-lhe as surpresas, aquilo que era predisposição para bem acolher transforma-se instintivamente em ponderada reserva, que se não implica exigências por parte do juízo crítico, afugenta, ao menos, todo o humano desejo de benevolência.

Não é este felizmente o caso desta Exposição de jovens artistas espanhóis, onde, repetimos, tirando o título, que peca inclusive de falta de originalidade e nos recorda um intento de rotulagem como se classificasse mercadoria fabricada em série, nada há de desagradável. Com efeito, através dessa vaga designação de «independentes» lobriga-se um evidente desejo de classificação, que muito mais nos satisfaria se não houvesse passado da eloquência das tintas, da novidade dos conceitos ou da pureza do desenho. Isto é, seria preferível que estes moços artistas não se tivessem antecipado à voz da sua obra, que fala aos outros muito mais do que eles próprios, e que lhes fala de tudo menos

de independência, termo que nada diz tratando-se de arte, de pintura especialmente, onde não há audácia plausível por muito pessoal que seja sem estar condicionada pelos segredos do officio, já de per si dependente duma tradição milenária, o que não impede, nem nunca impediu, que o espírito, liberto, desfira vãos aos mais altos cumes. Mesmo isto, o que se refere ao espírito, é virtude de exclusivo carácter individual, que, a admitir classificação, requereria uma a propósito não só para cada indivíduo, mas dentro de cada indivíduo, para cada um dos seus es-



Angel Lopez-Obrero — «Pátio dum convento andaluz»

De desagradável nesta Exposição, só o título. É realmente peculiar aos jovens que iniciam os seus passos no campo das artes ou das letras um certo prurido de originalidade, um certo afan de afirmarem todos os seus atributos de rebeldia, um forte sópro vital de certa pujança incontinente tão justificada pela própria idade, que, mesmo quando afrontam, como se lhes fôsse coisa eternamente alheia, o fatal destino dos anos vindouros, são os velhos os primeiros a olhá-los com simpatia — os velhos bons e generosos que abrigam sempre na alma a compreensão



Retrato da Sr.^{ta} Urba Hernandez Catá, por Cobo Barquero

tados espirituais, que não conseguem nunca justa expressão plástica sem os moldes orientadores duma própria disciplina. Quanto ao resto, às obras em si, este inquieto certame de arte respira simpatia por todos os poros.

Estamos perante um grupo de onze pintores espanhóis, novos todos eles e quasi todos eles desconhecidos nos meios artísticos madrilenos. E — eis o motivo da sua simpatia! — todos eles se apresentam tal qual são, como sentem e como vêem, o que nem sempre se observa nas exposições desta natureza — da natureza do rótulo, claro está — onde é freqüente ver-se, à força de se perse-



Díaz Caneja — Paisagem com figuras



Paisagem da «Dehesa de la Villa», por Isaias Diaz

guir originalidade, claros propósitos de se mostrar aquilo que se não é, de se pintar o que não se sente e o que não se vê. A culpa disto nem sempre pertence ao artista, embora as conseqüências só a êle afectem. Muitas das vezes as teorias que se lançam à volta dos movimentos estéticos em formação, que encontram, mercê da sugestão do seu virtuosismo literário, fácil acolhimento nos cérebros ainda tenros, não chegam, pela natureza da sua índole contrária, a coalhar em expressão plástica. Daí, a luta do artista entre o tema e a matéria, para o encontro do

qual esta sobra ou esta falta, a querer teorizar na sua própria obra, o que constitui, a nesso ver, o perigo mais grave destas correntes de pseudo-arte, que saiem directamente de tratados preferidos por indivíduos mais ou menos incapazes, como de tratados saí essa outra arte de escola a que se deu em chamar académica. O processo é absolutamente o mesmo: — a absorção do indivíduo — da personalidade, melhor — por uma força de carácter colectivo. Seja ela coerente ou in-



Natureza morta, por Arronte

coerente, banal ou exótica, tanto faz. O resultado é só um: — a negação de todo o princípio artístico pela simulação da arte no

fabrico de quadros em série. Foi isto que nos fêz temer o falso rótulo de «independentes» adoptado por êstes jovens artistas. Mas as obras expostas, dando em sinceridade o máximo que o espírito e o ofício lhes permitiu, redime-os d'êste mau pensamento.

Devemos destacar em primeiro lugar o nome de Ponce de León, que, mais do que uma esperança que promete, é uma grata realidade que se afirma. Desenhador finíssimo, transmite-nos com nítido gráfico e singular visão, as excelências da sua ampla sensibilidade pictórica, donde ressaltam marcados acentos de compressão moderna. A modelação e o volume dos objectos que trata ganham forte consistência de coisa real. Original no conceito, distingue-se por uma nota de elegância e bom gosto, que poucas vezes se dá nos pintores seus compatriotas, mesmo naqueles que outras virtudes de maior e me-



Circos, por Servando del Pilar

nor valor levaram à consagração. Na pleiade de pintores que agora começa a destacar-se, ocupa Ponce de León um lugar de preferência.

Belamente realizado êsse «Canal» de Rafael Boti, onde a água toma transparências e deixa imprimir tão certos reflexos que abonam, por si só, um domínio muito seguro das tintas que se manejam. A visão esquemática da paisagem, com tendências mais ou menos geométricas, e os fortes contrastes do colorido, raciocinados com ponderação e justeza, afirmam no jovem artista tendências de se antecipar a épocas futuras cautelosamente moderadas pelo exercício da própria disciplina.



Natureza morta, por Waldo Insua

Isaias Diaz, nessa «Paisagem da Dehesa de la Villa», não consegue furtar-se às sugestões de Vasquez Diaz, de quem foi discípulo. E a simples circunstância de bem reproduzir, como coisa útil, as lições do mestre, faz-nos esperar nele futuras obras em que a sua personalidade se afirme com tôdas as suas características.

Felix de Torre, filho do grande escultor vasco Quintin de Torre, já em carteira para ser conhecido pelos leitores de *Ilustração*, apresenta uma cabeça segura de desenho, construída com apreciável precisão, que lembra, vagamente, pelas tonalidades do colorido, os retratos de Sunyer, o excelente pintor catalão.

Um dos artistas mais feitos e de maior cultura pictórica dentro d'êste simpático agrupamento é Servando del Pilar. Apesar das tendências estéticas do seu «Circo» não nos

dade de processos verdadeiramente interessante.

Waldo Insua, filho do conhecido novelista Alberto Insua, honra bem as tradições artísticas da ilustre família a que pertence.

O retrato da menina Uba Hernandez Catá, filha do insigne colaborador desta revista e nosso querido amigo Alfonso Hernandez Catá, projecta num futuro próximo o nome do seu autor, Cobo Barquero, na galeria dos melhores retratistas espanhóis.



Oriental, por Felix de Torre



O canal, por Rafael Bots

dade. Nota-se-lhe o esforço. Apesar disso, quando desistir do intento e se preocupar um pouco mais da sua sinceridade, pode-nos dar muito belas obras, porque tem uma viva imaginação, talento, e possui, em elevado grau, o sentido do colorido.

Finalmente, Arronte, dá-nos uma nota agradável no que a qualidade de pintura se refere, de perspectivas audazes, mas um tanto vacilante no desenho.

NOVAIS TEIXEIRA.

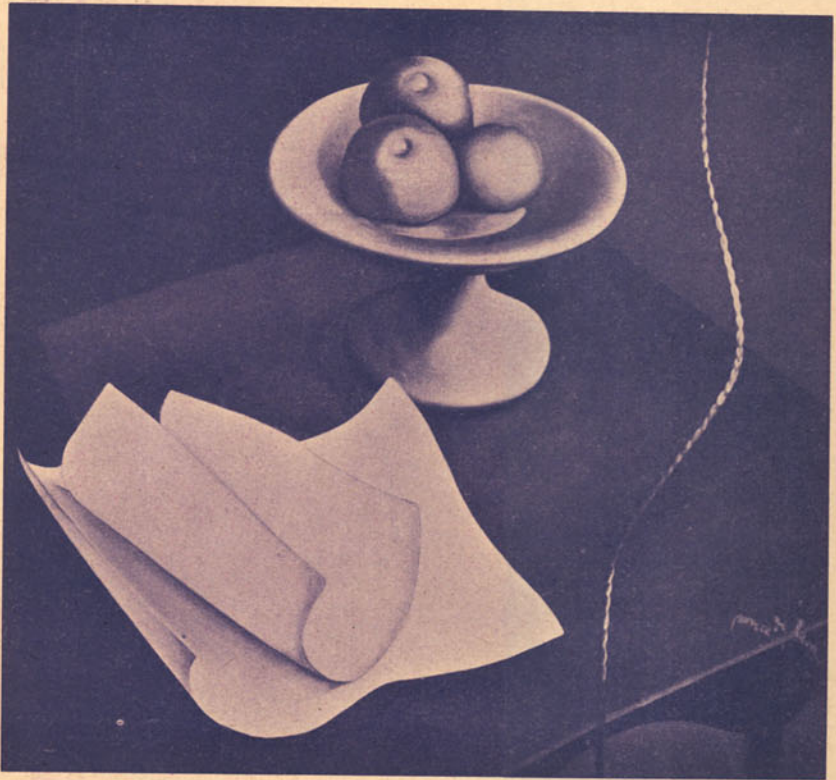


Maternidade, por Zelaya

serem completamente desconhecidas e os lastros de literatura que por êle assomam estarão hoje um tanto «demodé», mostra um pincel fácil no claro-escuro, conseguindo relêves e movimentos que acusam um agudo dinamismo visual de notável apreço.

Zelaya, de origem picasseana, sabe desenhar, e quem desenha como êle desenha não deve encontrar dificuldades de maior para ver por sua conta e risco. Julgamos nós...

No seu «Pátio dum convento andaluz», Lopez-Obrero consegue espontaneamente êsse acento de infantilidade tão dos gostos actuais. Mas o que nele chama especialmente a nossa atenção é êsse forte banho de luz que tudo ilumina e anima, lançado com uma simplici-



Natureza morta, por Ponce de Léon

TERRAS DE AFRICA

O CARNAVAL DOS PRETOS

Em tôda a parte do globo, o Carnaval, sendo uma festa, ou folgado condenável, porque é sujo, nojento até, tem por vezes quadros de alegoria interessantes pela sua originalidade e pelo seu regionalismo. É o que vamos tratar nesta leve crónica é uma dessas scenas típicas de que vale a pena quedar-se a gente um pouco a analisá-las, não só pelo divertimento mas muito mais ainda pela ingenuidade dos personagens que nelas tomam parte.

O Carnaval é festejado nas cinco partes do orbe, durante os seus três dias, com grande hilariedade, gastando-se doidamente dinheiro em várias drogas e papéis pintados para arremear à dama chique e, até, a certa matrona a quem o diabo voltaria as costas se lhe fôsse de contemplar o frontispício. Na África, porém, o caso modifica-se um pouco na parte em que diz respeito aos pretos. Estes não se prendem como o europeu, com o pó nem as serpentinas ou tantos outros elixires destinados nos meios elegantes para divertimento de muitas Cleópatras ou Messalinas, não. Constituem-se em grupos e êles aí vão no meio de descantes e danças, através dos povoados, vilas ou cidades, entre vozeiras de instrumentos feitos de chiéres, tubos de folha, pandeiros velhos, latas, etc. vestidos de papel ou pano.

Durante o ano andam êstes pobres párias da sociedade, se preciso fôr, cobertos apenas com um bocado de pano ou pele de cabrito, a fazer de tanga, para nos dias de Carnaval se apresentarem bem adornados: uns de sobrecasaca, outros de militares de terra e mar ou adornos senhoris o que lhes dá uma certa graça. Mas o preto por mais que se enfeite, mesmo que não tivesse a côr a recomendá-lo, nunca se veste com aquela elegância do europeu. Daí mais hilariedade nos causar o seu folgado, os seus ingenuos divertimentos.

Um dos grupos que vimos aqui em Angola, no Planalto da Huila, e que mais interesse nos causou foi o do *Rio Capitão*, na cidade de Sá da Bandeira. Era um enoríssimo cortejo de gente (se o Senhor Bispo de Moçambique não toma a mal que chamemos gente aos pretos) a cuja dianteira marchava um negro, feio como a bisavó dêle, de calças e camisa vestida, mas com as fraldas de fora, empunhando uma taboleta, presa numa vara, onde se lia:

*Carnaval de 1929
Grupo Rio Capitão*

Depois seguia-se um outro preto mascarado e vestido de capitão de mar e guerra que era quem fazia de mestre de sala, precedido de mais fardados e encasacados, uns mascarados e outros caiados de pó de arroz, bem como um grupo de pretos e pretas com trajos um pouco esquisitos — pois uns ostentavam na cabeça barcos de papel, outros barretinas e mais adornos adequados àquele acto solene...

Por onde passavam faziam um *sussurro* tal que estamos em dizer, até um surdo de nascença os ouviria.

Êste grupo de quando em quando parava na frente dum estabelecimento para cantar; e um dos pretos de garganta mais afinada, talvez pela partitura do mestre da música de Celeircz entoava as seguintes endexas enquanto que os da frente dançavam à moda da sua região:

*Impárádô
Dá cáridá
Chigando i á bálálha
Juilhô i eu perdão
Mácu a hambé
Lámázumbo
Corángulo.*

Os restantes do grupo respondiam em côro:

*Hi-hi-á, hi-hi-á
Hi-hi-á, hi-hi-á
Olha a saloia, a saloia quer casar,*

*Olha a saloia, a saloia quer casar;
Olha a saloia, olha a saloia,
Uma saia por quarenta escudos*

O trovador negro continuava:

*Cálumba
Gôngo
Emôsa
P'reira
Lívença
Márrica
Você vai, eu não fica,
Quem te ensinô á nadd
Foi um beijinho do má*

O côro rompia de novo:

*Hi-hi-á, hi-hi-á
Hi-hi-á, hi-hi-á
Olha a saloia, a saloia quer casar,
Olha a saloia, a saloia quer casar;
Olha a saloia, olha a saloia,
Uma saia por quarenta escudos*

Depois formavam todos uma grande roda, davam várias voltas entre saltos duns, a gritaria doutros e o sussurro dos instrumentos, um ia pedir e recebida a esmola seguiam cantando e tocando.

É um folgado engraçado e mais apreciado se mostra pela forma simples como os pretos o executam julgando estar a desempenhar um papel de preponderância.

O preto que toma parte nestes bailes, durante o Carnaval, não vai a casa dos patrões ou tam pouco dorme. Leva os dias e as noites nesta folia, que para êle é a festa mais alegre do ano, refrescando de quando em vez a garganta com macau — sua bebida predilecta e com a qual se embriagada.

É assim que o gentio, com versos sem métrica nem rima, presta as suas homenagens a sua excelência o nojento Entrudo — apesar que conhecemos muitos na Metrópole que, não se mascarando, trazem o carácter envolto num carnaval permanente.

Sá da Bandeira, Dezembro de 1929.

ZARCO DE ALMEIRIM.



SCENAS DA VIDA PORTUGUESA

O BANQUETE DE HOMENAGEM

ONDE SE FAZ A REPORTAGEM, TANTO QUANTO POSSÍVEL FIEL, DE UMA HIPOTÉTICA MANIFESTAÇÃO DE APRÊÇO A UM ESCRITOR — A QUAL, A-PESAR DE HIPOTÉTICA, SE PARECE MUITO COM A REALIDADE

— Meus senhores! — principiou por dizer em voz sonora, préviamente apurada por duas ou três vezes, o famoso romancista Joaquim Belo, lindo velho elegante, empertigado, roseta vermelha na lapela, fino bigode grisalho e completa e luzidia ausência de cabelo.

— Meus senhores! — repetiu êle mais forte, enquanto o ruído das conversas animadas amortecia, pouco a pouco. — Nunca na minha vida de literato aceitei com tanto prazer e alvôção a subida honra da presidir a um banquete de homenagem como desta vez.

Intercalou uma larga pausa no meio de profundo silêncio, passou pela calva rosada um lenço alvo, sacou do bolso da casaca um volumoso maço de papéis, pigarreou e leu:

— Eu sei que teria sido fácil aos ilustres membros da comissão organizadora dêste banquete — banquete que ficará memorável na História da Literatura Portuguesa — encontrar no numeroso e luzido grupo dos literatos do nosso tempo pessoa mais sábia e lúcida do que eu (*não apoiados discretos, mesura sorridente do orador*) que melhor proferisse, em seu nome, as palavras justas e belas que êste momento requer. (*Mais não apoiados, mais reverências do orador*). Mas o convite foi por mim recebido com prazer e alvôção, repito, porque me ofereceu o ensejo de patentear bem alto, em meu nome também, a admiração, mais do que admiração: o entusiasmo que a obra magnífica de Rogério Romão em mim despertou. (*Apoiados, sem mesura do orador*).

Rogério Romão, o homenageado, face magra, chupada, os olhos profundos e brilhantes, de pé e solene como os outros convivas, ruborizou de coação.

— É tempo — exclamou Joaquim Belo, numa súbita indignação, erguida a destra e trémulo o fino bigode — de começar-se a fazer justiça aos verdadeiros talentos da nossa terra! Sim, meus senhores a hora da justiça acaba de soar!

Entreolharam-se receosos os comensais circunspectos.

— Quantas inteligências assombrosas, quan-

tos talentos admiráveis, quantas almas de eleição, se têm perdido, sossobrado ao péso da ingratidão dos seus contemporâneos! Quantos jôvens de mente privilegiada, depois de lutarem sem êxito contra um meio hóstil, vão acabar ignorados no catre de um hospital para onde a inveja ou a indiferença os lançou!

Refeitos do susto os convivas apoiaram frouxamente, tristemente, e o orador, trémula a voz, ôlho esbugalhado, ia dizendo que não queria pronunciar, um a um, o nome dos que falharam, merecendo triunfar, porque afinal não era desejo seu desdobrar crepes numa festa onde se deviam desfolhar as pétalas perfumadas do elogio merecido por um jôvem que honrava as Letras da sua terra.

Em seguida Joaquim Belo referiu-se largamente a cada um dos três livros publicados pelo jôvem romancista Rogério Romão, demorando-se, conforme noticiaram depois as gazetas, numa análise profunda, digna de um Taine, ao último livro, «verdadeiro poema de lusiada saúde que só uma genial inspiração poderia conceber.»

Por fim, entre aplausos delirantes, ergueu a sua taça pelo «formoso talento do homenageado.»

Houve muitas palvas, *hips* e *hurrahs*, que os vinhos ingeridos acaloravam. E a um recanto, Costa Câmara, um dos promotores do banquete e má-língua incorrigível, apontando Rogério, pálido e embaraçado, dizia para um vizinho:

— Há tresentos e sessenta e quatro dias que não jantava tão bem, o patife...

Uns momentos houve em que as conversas voltaram a animar. Apreciavam uns a elegância e a sinceridade com que Joaquim Belo falara, outros aliciavam os criados para que lhes trouxessem discretamente mais



champanhe, porque a comissão depois o pagaria, alguns, aqui, elogiavam a modéstia do novo escritor que, depois de troçado e vaiado pela maioria dos presentes, alcançava alfim e ao cabo de muitos anos de luta, fome e desespêro, o merecido triunfo, ali, em voz baixa sublinhada por mansos risinhos, consideravam sob todos os pontos de vista nulo o tal talento do Rogério, um pobre diabo, um parvo convencido de que tinha génio.

Mas novo discurso interrompeu o cavaqueio. «Schuu... schiu...» sopraram alguns mais interessados. Era Carlos Madeira, pintor imberbe, meses antes homenageado naquele mesmo restaurante famoso, que ia pronunciar algumas palavras muito singelas, muito desprezenciosas, em nome dos artistas da moderna geração.

— Quando neste mesmo local — começou êle — um grupo de amigos me ofereceu há meses um banquete de homenagem, como era pela força do calor e a melhor sociedade lisboeta veraneava, apenas um reduzido número de pessoas aqui se agrupou. É que a maioria dos que sabe vestir casaca em Portugal se encontrava ausente... (*Risos dos presentes que sabiam vestir casaca*). Entretanto recebi muitos telegramas, e cartas de felicitações. Você Rogério está habituado à casaca (*a do homenageado era emprestada, mas ninguém o denunciou*) e teve a sorte de lhe fazerem a consagração que merece em pleno inverno. Mas se fôssem menos os convivas, não deveria desanimar, meu caro Rogério, porque a melhor consagração é do nosso próprio espírito que sabe apreciar-nos no justo valor. (*Apoiados*). Em presença de retratos pintados por Goya eu tive um sorriso de desprezo. É que tinha a íntima convicção convicção de



saber pintá-los melhor. Nesse momento oferecia a mim mesmo um banquete de homenagem. Tenho visto pintores de renome falharem nos pormenores de certos salões de palácios. Eu não falho, nem falharei nesse ponto, porque fui criado em palácios. Você,



Rogério não falhará porque tem vivido em palácios. (O melhor palácio do homenageado tinha sido um quarto de cem escudos com porta para a escada, mas todos afectavam ignorar este pormenor insignificante). O que eu quero significar com a modéstia das minhas palavras é a alta admiração que a moderna geração de artistas, em nome de quem tenho a honra de falar, tem pelo seu carácter e pelo seu talento.

«Pelo grande romancista Rogério Romão, hip, hip, hip!...»

— Hurrah! — gritaram em câro todos os presentes, no auge do entusiasmo.

Carlos Madeira e Rogério Romão caíram nos braços um do outro, estreitando-se num prolongado amplexo. Esta scena comovente despertou um entusiasmo sem limites em todos os que assistiam. Aproveitou-se o momento para sorver champanhe a largos haustos e o delírio não teria fim se Costa Câmara da comissão organizadora do banquete, depois de pedir um momento de atenção e de proferir algumas palavras de caloroso elogio ao homenageado, não começasse a ler a correspondência.

Eram cartas repassadas de ternura das mais altas individualidades do nosso meio social, telegramas alegando doenças graves, pretextando afazeres inadiáveis e afirmando a presença em espirito dos signatários entusiastas.

Terminada a leitura, que foi sempre acompanhada de palmas, vivas e hurrahs, um sujeito grave, baixo, de luneta refulgente, ergueu-se e disse:

— Rogério Romão: permita-me você, que eu, modesto funcionário do Ministério da Agricultura, seu admirador ignorado mas sincero, erga por minha vez a taça em seu louvor e proponha, em nome da ternura que me infunde a sua glória, que se envie um telegrama assinado por todos nós a seu pai, que bem merece compartilhar da sua e da nossa alegria.

— Muito bem!... Muito bem!... — apoiaram muitas vozes.

Costa Câmara quis redigir o telegrama que apareceu escrito num momento. Joaquim Belo, muito entusiasmado, abraçando Rogério, dizia:

— Feliz idéa a do illustre funcionário. Di-

ga-me você o endereço do seu venturoso pai.

Rogério empalideceu, tartamudeou qualquer coisa que ninguém entendeu. Joaquim Belo insistiu:

— Diga-me você a morada de seu pai!

Rogério passou do pálido ao rubro. É que é, coitado, era filho de pais incógnitos.

Mas, confirmando os seus dotes de excepcional inteligência, num verdadeiro rasgo de engenho de romancista, éle inventou, ali, de lábio trémulo, um nome de pai, numa aldeia longínqua de Trás-os-Montes. E o telegrama partiu.

Gaguejando, repetindo muito as palavras e afirmando que, habituado a manejar a palavra escrita, perdera o hábito de falar, Rogério agradeceu de ôlho quási lacrimoso a manifestação de aprêço que acabavam de fazer-lhe. Aquele dia jámais o poderia olvidar em tôda a sua vida. Era para éle um dia memorável. Bebia à saúde dos presentes e ausentes e confessava-se muito inferior ao mérito que lhe atribuíam.

Houve muitos não apoiados à sua modéstia. Beberam-se ainda alguns goles de champanhe. Depois começou a debandada, entre despedidas affectuosas; agora um grupo, a seguir, outro...

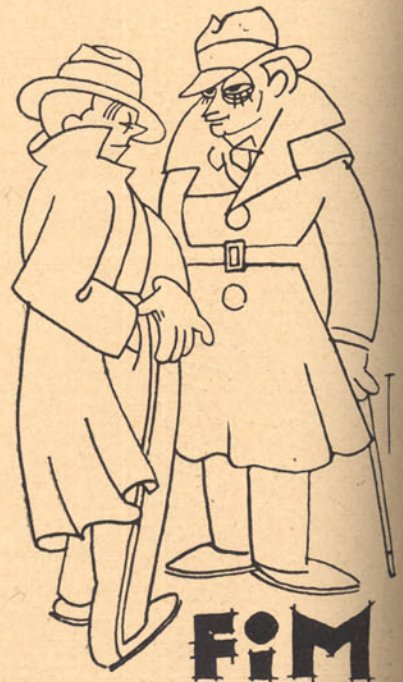
Rogério foi saíndo, acompanhado por Carlos Madeira, o pintor aristocrata, que lhe falava ainda dos seus triunfos em Paris e na côrte belga.

Cá fora, a noite estava fria. Rogério erguen a gola do sobretudo coçado, tossiu uma tossesinha sêca, de mau agoiro, e estendeu a mão a Carlos Madeira, despedindo-se.

— Um momento — disse éste, antes de se apartar — Você não me leve a mal; mas há coisas que aconteceu aos melhor colocados na vida... Você não tem, por acaso, cinco mil réis que me empreste?

O homenageado, afável, remexeu nos bolsos, procurando — e só achou vinte e cinco tostões...

MÁRIO DOMINGUES.



VII

(Continuação)

A metamorfose foi precipitada, irreflectida — feminina em suma. Da frieza e do desprêzo incendiou-se uma paixão absorvente, aciumentada, exclusivista — e sempre humilde mesmo nos momentos de mais dolorosa dúvida. Não estava Eugénio preparado para jogar ao xadrez psicológico com um parceiro de tão imprevisíveis golpes — mas a surpresa que, no início, lhe deu azas que o levaram ao eter-azul de todos os paraísos e o tornou tão humilde como ela, na ânsia de lhe ser grato — não destruiu para sempre o «portuguêsinho valente» que êle simbolizava. E assim, saboreados os últimos favos de mel da sua lua de amor — retomou as suas atitudes um pouco despóticas e a chefia absoluta das duas existências, deixando-se amar como um

NOVELA INEDITA E ORIGINAL

do "Gipsy"

do Metropolitano

DO REPORTEUR X



DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

árabe e amando sem exhibições, como um luso. Mas mesmo assim Dálila o queria, abençoando o Destino que o colocara na estrada da sua vida e que o conduzia, pelo caminho mais curto, ao cume do seu coração...

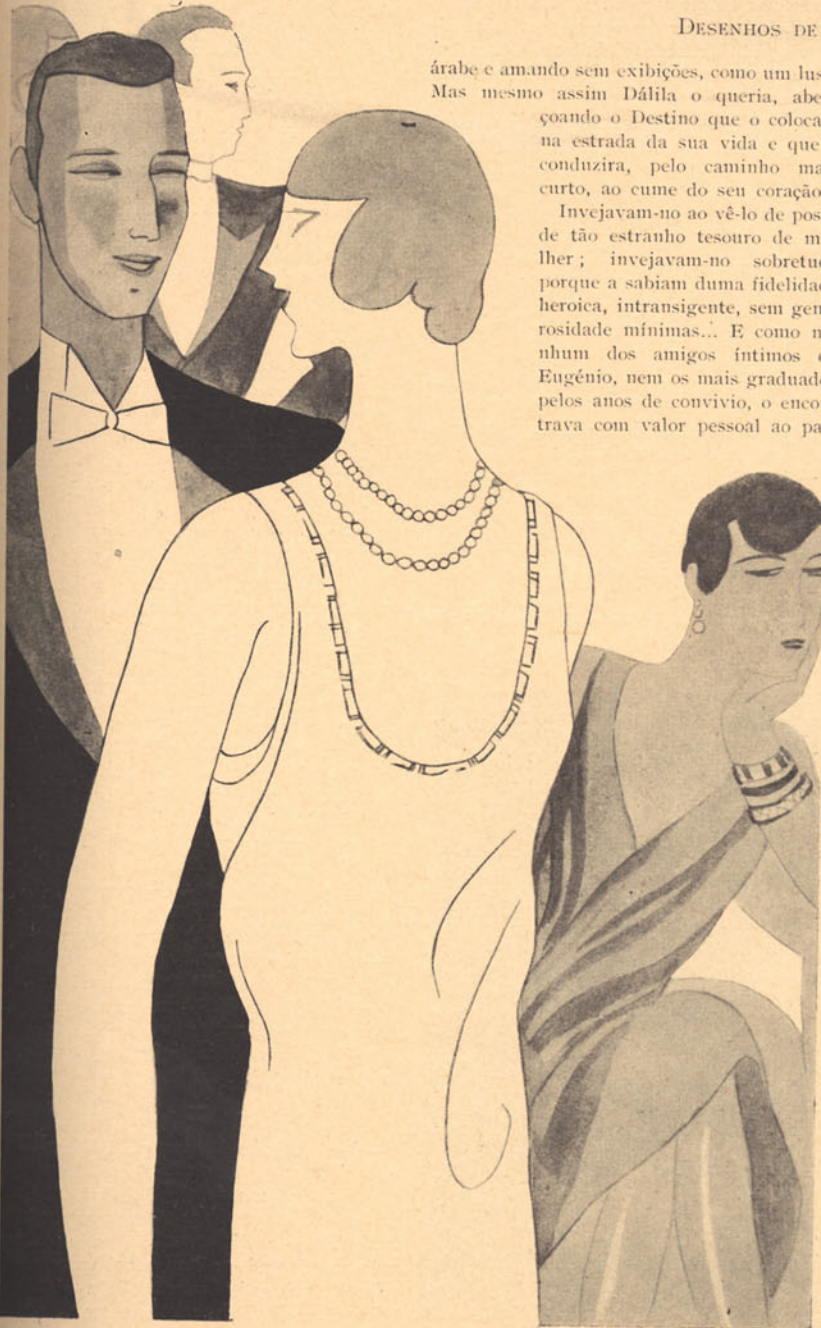
Invejavam-no ao vê-lo de posse de tão estranho tesouro de mulher; invejavam-no sobretudo porque a sabiam duma fidelidade heroica, intransigente, sem generosidade mínimas... E como nenhum dos amigos íntimos de Eugénio, nem os mais graduados pelos anos de convívio, o encontrava com valor pessoal ao par,

na Bólsa do Amor — todos se sentiam espiçados pela curiosidade de descobrir o segredo daquela conquista... Eugénio invariavelmente dizia que tinha sido em Londres, num *five* — mas não fixava o local do primeiro encontro. Citava «Cecil» a uns, o «Indian» a outros — porque a nenhum podia confessar o crime brutal e violento que praticara nos subterrâneos do *metro*, crime que Dálila, a vítima, perdoara e agradecia até — mas que mais ninguém lhe perdoaria — nem a sua própria consciência.

VIII

Havia uma promessa, das muitas com que Eugénio atapetava o chão que Dálila pisava, no período das supplicas e dos prantos — que faltava cumprir: a de lhe dar o nome, legalizando definitivamente a sua situação. Nem um nem outro se esquecera ainda dessa promessa, ambos a desejavam realizada (ela, para se sentir mais presa; êle porque, no seu invólucro de benemérito de amor, a amava definitivamente e porque, com os vestígios sinceros da sua educação se afligia com a ilegalidade do seu amor e o julgava apoucado, diminuído, desrespeitado por si próprio); e contudo todos os pretextos serviam para criar uma série de adiamentos que parecia infundável... Mas o único atrito real; o único desvio; a verdadeira razão inconfessada porque ainda não tinham ido receber a benção do sacerdote — era o passado de Dálila. Portanto — quem criava os pretextos, quem colocava os atritos, quem adia, em suma, o casamento — era Eugénio...

Dálila era sua, muito sua, só sua — não o duvidava. Tôda ela, alma e corpo, lhe pertencia desde a hora em que a encontrara, naufraga das trevas, na *gare* do metropolitano. Não havia, uma ideia, um sentimento, um desejo, bom ou mau, que ela não lhe desabafasse... Cérebro, espírito, coração — eram cristal para os seus olhos, para o seu cérebro, para o seu espírito... Mas essa posse absoluta — correspondia ao presente e chegava-lhe, como amante. Como marido exigia-lhe mais: exigia-lhe a revelação de todo o passado, dos seus actos, dos seus projectos, dos seus segredos mais íntimos. E se havia o «sultão» doseando fortemente aquela exigên-



cia, temendo talvez a existência de uma hora, um minuto do passado, em que outro homem se tivesse avizinado demasiadamente do altar em que ele se entronizava; existia também e não em menor percentagem o orgulho «snob» da pureza da casta a que ele julgava, com fracas razões, pertencer. A geração de Eugénio, educada na orla das ondas do democratismo revolucionário, padecia duma reacção de nobreza-mania, mola exclusiva da manobra política conservadora... Aristocratas mais por contágio de ambiente do que pela verdade da ascendência — todos os moços da idade de Eugénio eram, como ele, integralistas intolerantes, prevendo um futuro social em que só uma casta predominasse e por isso se auto-sugestionavam antecipadamente, convencendo os outros e a si próprios que a essa casta pertenciam... Era uma espécie de hipótese de concurso; de personagem de auto de Gil Vicente, para o qual se iam habilitando a grande distância...

Eugénio de Jesus, filho de Ricardo de Jesus, descobrira na História vários *Jesuses* ilustres, agora o que se chamava também Cristo e que pregava a humildade; nomeara-se a si próprio herdeiro único do título, que defendia em todos os códigos da honra e da prosápia — como se, de facto, defendesse um património moral, sagrado... E daí a gravidade que representava para ele a ignorância do passado de Dalila — e a sua vacilação em torná-la também Jesus, enfileirando-a numa galeria de avós de que se supunha neto e que não lhe perdoariam uma companhia, para a eternidade, que não correspondesse, pelo menos em virtude e pureza de sangue, às suas virtudes e ao seu sangue. Mas não se esquecendo tão pouco de que sagrado era também para a sua palavra de fidalgo, por iniciativa própria — a promessa feita a Dálila — esperava que um acaso viesse um dia radiografar o passado da

ex-girl, permitindo-lhe, opor a análise química, aureolá-la com o seu nome?

Assim os anos rodavam — pedras caídas do alto da montanha — para o abismo de onde, nem pedras nem anos, regressam nunca.

IX

Um dia, de regresso do teatro, no momento em que, já frente à vila que possuíam no terminus do Campo Grande, enfiava as mãos na algibeira das calças do *smoking*, Eugénio exclamou, contrariado:

— Bonito! E logo hoje que não está nenhuma criada em casa.

— Mas o que foi, *my baby*? indagou Dalila.

— Ao mudar de fato — deixei a chave de trinco nas outras calças... E já a impacientar-se, bufando de desespero, previa, pessimista, mil incómodos infalíveis. — Bonito! Muito bonito! Temos de ir dormir a um hotel... O hotel era o menos! Mandeí o automóvel embora — e naturalmente já não há carros... Que dilema: ou dormir no Campo Grande, como dois vagabundos ou a estafa de irmos a pé até ao Avenida Palace...

E logo, na necessidade muito nossa, de homens e de portugueses, de personificar em alguém a culpa do que é obra exclusiva do acaso, atribuiu a Dalila a principal causa daquele incómodo. Se não fôsse ela, com a sua teimosa generosidade, ter dado licença à cosinheira, à Maria e ao José para irem ao tal bailarico — já aquilo não sucedia. Mas Dálila, inteligentemente adaptada ao temperamento de Eugénio, longe de fazer dueto — procurava, risonha, acalmá-lo:

— A desgraça não é tão grande como parece, *baby*... Tudo se remedia... Pede à porta com bons modos talvez ela se abra sozinho...

E vendo que Eugénio a custo continha o riso e continuava a franzir o sobr'olho, ofereceu, em tom agaiatado:

— Pois se *my baby* está disposto a fazer-me



uma vontade — uma só — comprometo-me a abrir a porta...

— Trouxeste chave, tu?

— Não trouxe — mas abro!

— Deixa-te de brincadeiras...

— Abro — já disse...

— Ora...

— Prometes?

Eugénio deixou brilhar o primeiro sorriso e perguntou:

— Prometo — o quê?

— Ah! Isso é segredo! Só digo depois de abrir a porta e tu tens de cumprir... Prometes?

— Pronto! Está prometido... Faz agora o milagre...

— Não é milagre... Trouxeste o teu canivete? Dá-mo! E não te zangues se ele se partir... Olha: dá-me também uma moeda de cinco tostões... Obrigada...

Descalçou as luvas; introduziu até meio a moeda na fechadura, segurando-a com a mão esquerda; depois, metendo a lâmina do canivete, começou manobrando, com ligeiros movimentos de dedos — tão ligeiros que Eugénio, contemplando-a, surpreendido, só se apercebia deles pelo ruído metálico, muito leve, que produziam... Dois ou três minutos — o máximo. Depois — um estalido — e a porta gemeu nos gonzos... Estava aberta.

— Bravo! exclamou Eugénio, desanuviado em absoluto e beijando-a na boca. Maravilhosa habilidade! Mal sabia eu que a minha *Little Butterfly* arrombava portas... Onde aprendeste tu essa ciência...

— Menos elogios e melhor pagamento — interrompeu Dálila. Vamos agora a ver se pagas a promessa... Eu cumpra a minha...

— E que é que Sua Majestade exige como prémio? Um anel? Mais um trapo? Um...

— Nada disso... Muito menos do que isso... E enlaçando-o, apertando-o contra o seio, disse-lhe, quasi num segredo: — «Que te cases comigo! Que me faças tua mulher!»

X

Foi esta a primeira vez que Dálila evocou o projecto do casamento duma forma tão nítida e com um desejo tão vivo. Eugénio não estava preparado para fazer uma negação habilidosa — e disfarçou o seu embaraço auto-amordaçando-se com a avidez com que colou a sua boca às faces de Dálila — e trinta folhas do calendário caíram antes de que o



assunto ressurgisse entre ambos. Um mês depois, num domingo em que tinham convidado uns casais amigos a jantar na vila e a seroar com êles — alvitram-se vários jogos para encher os intervalos da música e das cançonetes em que Dálila recordava os seus tempos de «girl». Foi solicitado a cada uma das damas presentes a apresentação de uma novidade no género — sendo permitido depois à autora do jôgo mais original a exigência dum prémio a seu capricho, ao respectivo marido... Dálila reservou-se para o fim. E sempre que uma das amigas concluía a sua exibição e a convidava a seguir o programa — ela esquivava-se, entre risos intencionais, dizendo :

— Depois... depois! Eu quero ser a última. Quando lhe coube a vez — colocou-se no centro da sala, gritando :

— Sou eu que ganho o prémio! O prémio é meu...

— Veremos! Apresenta o teu jôgo... a tua novidade... a tua originalidade... — convidou Eugénio.

— Já está apresentada...

— Hein?

— Como?

— Não vimos!

— Houve batota!

— Não houve tal! — protestou Dálila. Eu tenho estado a exhibir o meu jôgo — o jôgo dos «pick-pockets» — desde o início do concurso...

E começou então a retirar de uma caixa de charutos, colocada na mesa de fumo, a carteira que tirara a A, o lenço que furtara a B, a boquiilha que escamoteara a C — num nunca acabar de surpresas. Estralejaram os aplausos e zumbiram os elogios! Pertencia-lhe o *Grand-Prix* — afirmavam! Que originalidade — e que perfeição! Ninguém sentira a manobra da ilusionista... Que exigisse a Eugénio um presente caro — que bem o merecia.

— Pronto! — fez Eugénio. É pedir por boca...

— Mas em segredo... — avisou Dálila.

— Calculem vocês o que terá ela imaginado para não ousar dizê-lo em público...

— Não é nada de extraordinário... É bem simples o que eu ambiciono...

E colando os lábios ao ouvido de Eugénio, suplicou :

— Eu só quero que te cases comigo! Que me faças tua mulher! Que enobreças êste nosso amor!... É só isso o que eu ambiciono... É só isso que me falta para ser absolutamente feliz!

XI

Quando, na noite seguinte, Eugénio terminou o seu longo, cauteloso e aflitivo discurso de meia hora, o suor duchava-lhe a frente; sentia as faces afogueadas, como se duas labaredas crepitassem à esquerda e à direita do rosto, e os seus olhos, cheios de desassosiego, pestanejando muito, prescutavam-na com ansiedade... E como ela continuasse na mesma atitude com que acolhera o seu pedido para o escutar sobre... «um assunto da maior importância para a felicidade de ambos; um assunto que, nos últimos tempos, a tinha preocupado profundamente, como êle disso se apercebera» — atitude esfingica — sentada à sua frente, a perna moderadamente traçada; as duas mãos enlaçadas sobre o joelho liso; o pé suspenso num contínuo

zig-zag, como se pretendesse desenhar com a biqueira do sapato uma infundável corrente de 88; a cabeça inclinada exageradamente, numa obscante contemplação do tapete, e a franja da cabeleira de *Baby* quasi a velar-lhe os olhos; pulverizou ainda, sobre o êco do seu discurso, umas frases de prudência, de gordurosa adulação e de evidente temor pelo resultado da sua decisão :

— O que eu quero, antes de mais nada, minha Dálila querida, é que aprecies pelo justo valor o meu escrúpulo, e que comprendas de o Eugénio, escravo da responsabilidade de um nome, que é sagrado e que tem de defender através de tudo — não é o mesmo Eugénio que ama e respeita tanto a



sua mulherzinha como o outro ama e respeita o apelido que usa — e que está pronto a todos os sacrifícios por ela — menos ao de ferir a legítima dignidade do segundo Eugénio... O Eugénio n.º 1 — êsse haja o que houver não cairá, não, na patetice de desagradar ou de perder a sua Dálila — porque isso representaria para êle a morte... Portanto, com êsse Eugénio, Dálila pode contar sempre, seja qual fór a revelação que ela lhe fizer...

*

*

Descera até à pieguice sem conseguir sequer uma expressão, um olhar, um movimento que o orientasse sobre os efeitos produzidos pelo seu discurso no espírito de Dálila. E esgotado todo o repertório, pretendeu provocar, de qualquer forma, uma exteriorização que rompesse com aquele mudismo enervante :

— Mas estás dormindo, Dálila? Não dizes nada? Não respondes...

*

*

Êle vigiava-a sem disfarçar sequer o seu desassosiego; ela ergueu a cabeça, sacudindo, num movimento de banhista que sai da água e que era quasi um frémito, a cabeleira cortada, que agitou, num quasi redemoinho; abriu muito os olhos para melhor floretar o sisudo com Eugénio — e depois de ter to-

mado um fundo hausto de ar disse, numa voz calma e normal :

— Não te respondi há mais tempo por não saber se tinhas terminado ou não — e porque me pediste, ao iniciar esta conferência (pronunciou a palavra *conferência* sem a menor ironia) para te escutar sem te interromper... Como sempre, preso-me de ser uma mulher disciplinada e obediente, à moda da tua terra e segundo os teus desejos — e eu, bem sabes, ainda não deixei de me adaptar a qualquer das tuas exigências... É por isso, Eugénio, que não compreendo bem o que queres dizer com o... «haja o que houver», «seja qual fór a revelação que me fizeres» — e outras frases do mesmo estilo que repetidamente empregaste na tua conferência... «Haja o que houver»...? Mas quem melhor do que tu sabe o que há e o que houve — se interrogares a tua consciência e te recordares do *meu* — e teu procedimento, naqueles cinco dias e cinco noites que vivemos enterrados numa *gare* de metropolitano, e se fizeres a justiça de apreciares a minha atitude e a de não te esqueceres das várias surpresas que tu próprio confessaste mais tarde que tiveste a meu respeito — nesse primeiro e longo encontro... «Seja qual fór a revelação que eu te fizer?» Mas que revelação posso eu fazer-te se a minha vida, a minha honra, a minha alma, tôdo o meu sêr físico e moral desde o ponto único que pode começar a interessarte — que é o da minha pureza de que tu te apossaste — até à humilde dependência em que me tens há tantos anos — é propriedade tua? Confesso, pois, que, sem me ofender, porque não admito sequer a hipótese de uma dúvida, me atontaste, me aturdiste com o teu discurso... Muito vagamente vejo brilhar, no horizonte da tua exigência para que me premeies com o que, aliás, significa o fiel cumprimento da mais antiga das tuas promessas — a curiosidade de uma minudência que não te devia interessar visto que *eu sou eu*; que é a mim que tu amas; que sou eu quem, sem favor, merece a tua estima e o teu respeito... Essa minudência é a minha família a que eu, por... — como direi — por *comodidade* tão pouco me tenho referido. Mas já que isso representa a tua vontade e como eu resolvi, desde o dia em que confessei a mim própria que te amava, obedecer-te, imitando as mulheres da tua raça, como sistema de te agradar — não abrirei excepção nem te darei causa para o primeiro descontentamento... Vou obedecer-te — como sempre... Escuta, pois...

XII

Se não fôsse o estado especial de obsessão em que Eugénio se encontrava, estado que êle usara pelo longo e metódico exercício de um convencionalismo; de uma mentira transformada em realidade imperiosa pela gymnástica espiritual da auto-sugestão; de uma «razão sagrada» só sagrada porque êle resolvera que o fôsse, sagrando-a sob o molde do snobismo — teria sentido uma profunda piedade pelo esforço que Dálila empregava para contentá-lo — revelando-lhe a história da sua família — ou antes : de seu pai. Era bem triste esa história — e ela, ao dizer que só por comodidade não lha revelara ainda, falava verdade — tão segura se julgava da generosidade e da superioridade da alma de Eugénio.

(Continua)

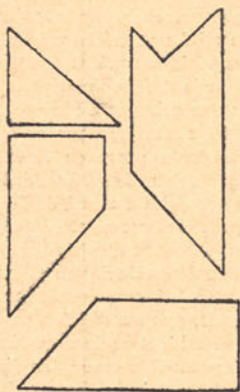


Passatempo

OS PEDAÇOS DO T

Estava um carpinteiro fazendo umas grandes letras para figurarem na taboleta de um importante estabelecimento.

Seu filho, endiabrado garoto de nove anos, aproveitando uma distração do pai, pegou no T, da tábuá, que tinham levado ao carpinteiro, para lhe servir de modelo e cortou-o



nos pedaços que se podem vêr na figura junta.

Atarantado se viu o mestre, para reconstituir o T, com aqueles pedaços.

Serão os nossos leitores também capazes de o fazer?



ELA POR ELA

Tinham casado havia uma semana e estavam ainda gozando a lua de mel, essa época funesta em que se principia a acordar para as realidades da vida matrimonial.

— É chegado o momento — pensou ela — de fazer a minha confissão. Meu querido — disse baixinho, encostando a cabeça ao ombro do marido — tenho um segredo a dizer-te.

— O que vem a ser, minha querida? — perguntou êle com meiguice.

— Não me perdoarás por te ter enganado, meu amor? O meu olho esquerdo — parou hesitante por um momento, depois corajosamente continuou — o meu olho esquerdo é de vidro.

— Oh! — murmurou êle com um suspiro de alívio — não falemos mais nisso, meu anjo. Assim são também os diamantes do anel que te ofereci!

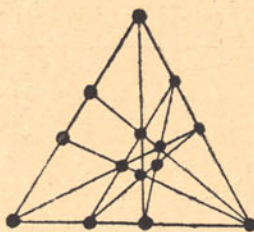


— Olha, querido, daqui a dois dias são as nossas bodas de prata.

— De prata!... A mim, já me parece que há duzentos e cinqüenta anos que estamos casados!

O TRIÂNGULO

(Solução)



UMA OUVINTE ATENTA

Êle: — Ao ver semelhante indignidade fiquei um momento sem fala. Medí o descarado em silêncio, da cabeça até aos pés...

Ela: — E que comprimento tinha êle?



Noivo magnificente (oferecendo um ramo de flores): — Peço-te que aceites estas rosas como um símbolo do meu eterno amor.

A noiva: — Ah! São artificiais!

Êle: — Pois é claro. Rosas verdadeiras seriam um fraco símbolo de amor eterno, murcham tão depressa! As artificiais é que duram tôda a vida.

AMOR A TÔDA A PROVA

A mãe: — Quando êle te fez a sua proposta de casamento, disseste-lhe para me vir ver?

Helena: — Disse-lhe; e êle respondeu-me que já tinha visto a mamã uma quantidade de vezes mas que a-pesar disso, amava-me da mesma maneira.



ILUSÃO OPTICA

Recorte-se êste disco, e cole-se sôbre cartão, furando-o no centro, de modo a poder enfiá-lo na ponta de um palito, em torno do



qual êle possa girar. Ponha-se em movimento, da esquerda para a direita, e a banda branca aparecerá franjada de côres.

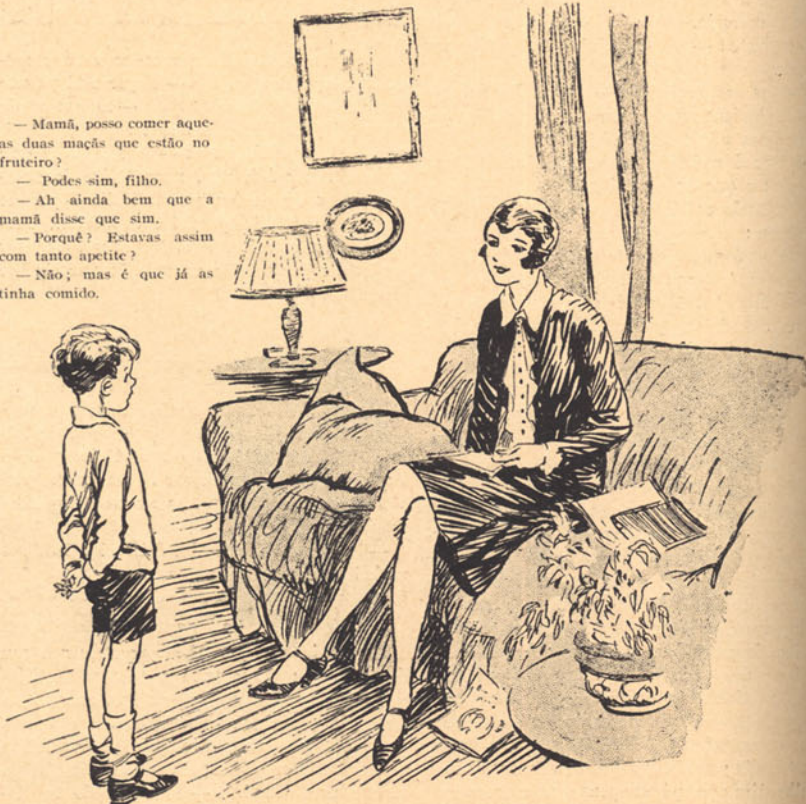
— Mamã, posso comer aquelas duas maçãs que estão no fruteiro?

— Podes sim, filho.

— Ah ainda bem que a mamã disse que sim.

— Porquê? Estavas assim com tanto appetite?

— Não; mas é que já as tinha comido.



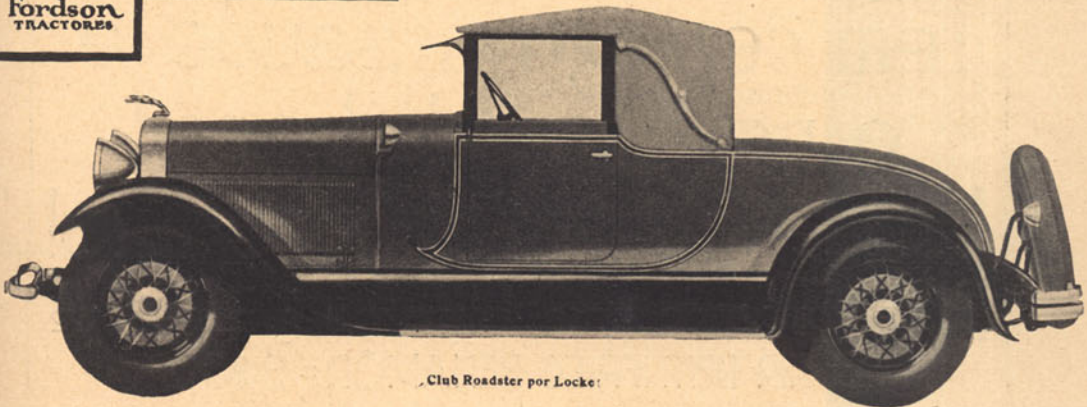


Os tércios ibéricos, infatigáveis, valentes, soldados dos melhores, mantiveram noutros tempos em tóda a Europa o prestígio e o domínio da Casa da Austria, como hoje o Lincoln, perfeito, de materiais da melhor qualidade, com o seu incomparável serviço, proclama por todo o mundo a sua excelência e se oferece como o carro cuja posse é o sinal que revela a opulência e distinção.

LINCOLN

AUTOMOVEIS
LINCOLN

Divisão da Ford Motor
Iberica — Barcelona



Club Roadster por Locke

A fada dos beijos...



tem consigo a saúde e
o perfume da boca!
Um encantador produto!

Tubo, contendo uma amostra-gratuita de
ELIXIR DENTIFRICO BENAMÔR = 3\$00

A' VENDA EM TODO O PAIZ

COLUMBIA

A GRANDE MARCA
DE SEMPRE

APRESENTA

COM OS MARAVILHOSOS
DISCOS NOVOS DO SEU
REPORTORIO

O NOVO MODELO DE GRAFONOLA (202)

COM AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS,
ÚNICAS EM MODELOS PORTÁTEIS:

- **CORDA** PARA MAIS DE UM DISCO
- **MAIOR VOLUME DE SOM**
- **MELHOR QUALIDADE DE SOM** DO QUE QUALQUER OUTRA, DEVIDO AO SEU DIAFRAGMA «VIVA-TONAL» 113—O MELHOR CONHECIDO
- **PARAGEM AUTOMÁTICA** NO FIM DE QUALQUER DISCO, **SEM NECESSIDADE DE PRÉVIA REGULAÇÃO**
- UM **ALBUM ANEXO** PARA OITO DISCOS

AGENTES GERAIS:

P. SANTOS & C.^a L.^{da}

R. Ivens, 52-54

R. Garrett, 57, 59, 61

LISBOA

P. B. X. C. 382

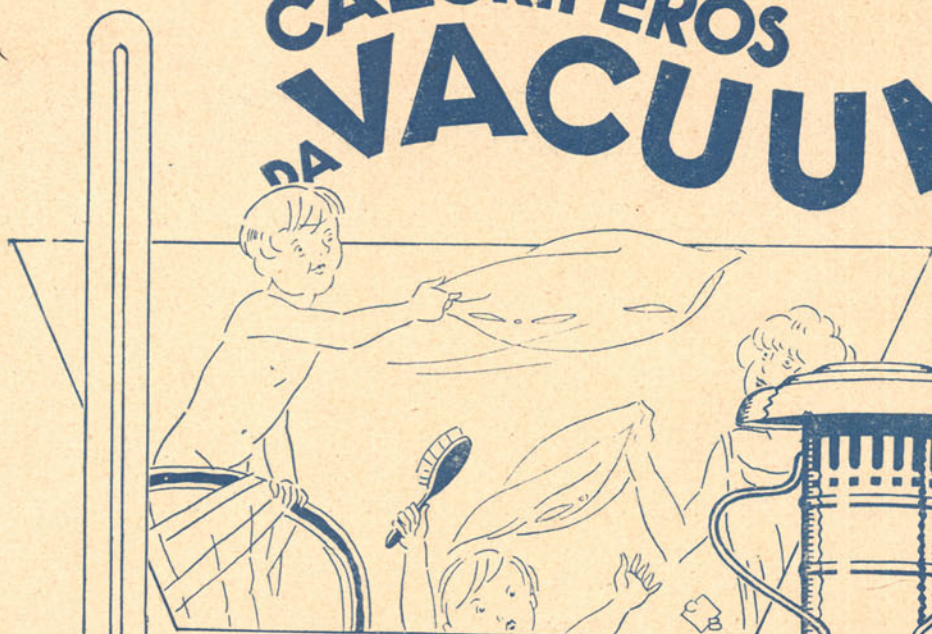
DISTRIBUIDORES

NO NORTE:

CUNHA LIMA & LEÃO,
Suc.

R. 31 Janeiro, 193-199
PORTO

CALORIFEROS VACUUM



Temperatura
da Primavera

Pequerruchos constipados

Um Calorifero da VACUUM, que, além de oferecer toda a segurança, liga bem com qualquer estilo de mobília, e não deita cheiro quando funciona com Petróleo SUNFLOWER, faz sempre serviço útil ao aquecer o quarto em que os pequenitos tomam banho e se vestem.



507

PETROLEO SUNFLOWER



R. da Horta Sêca, 17 — Telef. T. 980. Rocio, 67 — Telef. T. 3075